



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

COLEGIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDREZA MAIA SILVA BARBOSA

**“NINGUÉM CASA PENSANDO EM SEPARAR”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
PESSOAS COM UNIÕES DESFEITAS SOBRE SEPARAÇÃO E/OU DIVÓRCIO**

Petrolina-PE

2018

ANDREZA MAIA SILVA BARBOSA

**“NINGUÉM CASA PENSANDO EM SEPARAR”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
PESSOAS COM UNIÕES DESFEITAS SOBRE SEPARAÇÃO E/OU DIVÓRCIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susanne Pinheiro Costa e Silva.

Petrolina-PE

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
COLEGIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDREZA MAIA SILVA BARBOSA

**“NINGUÉM CASA PENSANDO EM SEPARAR”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DE PESSOAS COM UNIÕES DESFEITAS SOBRE SEPARAÇÃO E/OU
DIVÓRCIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.



Prof.ª. Dr.ª. Susanne Pinheiro Costa e Silva



Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro



Prof. Dr. José Hermógenes Moura da Costa

Aprovado pelo Colegiado de Pós-Graduação em Psicologia em 29 de janeiro de 2018

B238n Barbosa, Andreza Maia Silva.
 “Ninguém casa pensando em separar”: representações sociais
de pessoas com uniões desfeitas sobre separação e/ou divórcio /
Andreza Maia Silva Barbosa. - - Petrolina, 2018.
 IX, 78 f.: il.: 29 cm.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Psicologia) –
Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina,
Petrolina – PE, 2018.

 Orientador: Prof^a. Dr^a Susanne Pinheiro Costa e Silva.

 1.Divórcio. 2.Separação conjugal. 3. Representações sociais. I.
Título. II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

 CDD 306.89

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a **Deus**, por ser meu guia e fortaleza.

Ao meu filho, **Luís Fernando**, para você e por você todo o meu esforço e sacrifício

Aos meus pais, **Lara Tatiane** e **Osnildo**, pelo amor incondicional e por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado em todos os caminhos percorridos, abdicando muitas vezes dos seus sonhos, em função dos meus.

Aos meus irmãos, avós, familiares e companheiro por compartilharem das minhas lutas e comemorarem as minhas glórias.

Aos meus amigos pelo companheirismo e momentos de conforto e descontração.

Agradecimentos

A Deus, por sempre estar comigo em todos os momentos, sem nunca me desamparar;

Aos meus pais, por esforçarem-se ao máximo para que eu tivesse condições de estudar e acreditarem na minha capacidade de seguir em frente, sem esse apoio eu não estaria aqui;

Ao meu filho, em quem eu encontro forças para continuar e lutar pelos objetivos a serem atingidos.

Às minhas avós, irmãos e familiares, que mesmo de longe torceram pela concretização desse sonho.

Ao meu companheiro Gabriel, por sonhar comigo, estar comigo e me apoiar sem hesitar, me ajudando a ser mais forte. Agradecimento estendido à sua família, que se fez também a minha família nos momentos mais difíceis e também de alegria, o que facilitou bastante esta trajetória;

Aos meus amigos, que tornaram mais leve a tarefa a ser cumprida;

À minha orientadora Susanne, pela compreensão, confiança e paciência dedicadas para a consolidação dessa dissertação;

A Daniel Espíndula, pelo auxílio e disponibilidade em ajudar com os instrumentos da pesquisa;

Aos docentes da Pós-graduação em Psicologia da UNIVASF, pela oportunidade de aprimorar e adquirir novos conhecimentos através do Mestrado;

Aos colegas do programa de Mestrado da UNIVASF, que desde o início se mostraram grandes companheiros, em especial às que me acolheram e abrigaram quando necessário, Anyelle, Renata, Nayra e Sunna, bem como a Gleice, que também acolheu ao meu filho, tornando mais agradável a sua estadia em Petrolina. Não podendo esquecer de Walter, pelos cafés, companheirismo e momentos de alegria, e Grazi, que mesmo não sendo do programa de Psicologia, se fez presente em todos os nossos momentos e com sua força me ajudou a seguir em frente. Obrigada pela “audácia pura”, amigos!

Aos participantes da pesquisa, pelo consentimento para coleta dos dados e confiança ao compartilharem suas vivências, revelando os seus mais íntimos pensamentos e sentimentos, possibilitando a realização deste estudo;

A todos que, apesar de importantes, não foram aqui mencionados;

Meus sinceros agradecimentos!

*“De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto
De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama
De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente”*

(Vinicius de Moraes)

RESUMO

Barbosa, Andreza Maia Silva. “NINGUÉM CASA PENSANDO EM SEPARAR”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PESSOAS COM UNIÕES DESFEITAS SOBRE SEPARAÇÃO E/OU DIVÓRCIO. 2018. 79 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina/PE, 2018.

O fenômeno dos conflitos humanos tem sido abordado por diferentes disciplinas ao longo da história. Quando se tornam frequentes e difíceis de resolver entre cônjuges, a separação ou o divórcio são considerados como alternativas para solucionar os problemas conjugais. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender as Representações Sociais de homens e mulheres que passaram pelo processo de separação ou divórcio acerca dos mesmos. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa norteadas pela Teoria das Representações Sociais, realizada com 15 homens e 15 mulheres separados ou divorciados, residentes em Juazeiro-BA e Petrolina-PE, captados pelo método bola de neve. Para a coleta foram utilizados questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados com o apoio do software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2. Percebeu-se que a iniciativa de dissolução do vínculo matrimonial parte principalmente da mulher. As representações sociais sobre a separação revelam as implicações desse processo na vida dos participantes de modo geral, principalmente pelas mudanças ocorridas, variando de acordo com as experiências e os tipos de relação estabelecidas. Ancoram-se na ideia de que a separação pode apresentar elementos de contribuições, bem como de desvantagens ao núcleo pessoal e familiar. Pode-se observar que as representações expressas foram marcadas pelo desejo de melhor qualidade de vida e bem-estar; a separação foi tida como algo positivo, e apesar da sensação de liberdade e autonomia, necessitam utilizar estratégias de enfrentamento que minimizem o sentimento de solidão, seja na busca pela companhia de amigos, de Deus, de um terapeuta ou de um novo envolvimento amoroso. Nas mulheres são marcantes as expectativas de vida frente à separação, enquanto nos homens as preocupações pessoais com relação ao divórcio e também em como enfrentar esse momento possuem destaque nas representações. A efetivação deste estudo pela Teoria das Representações Sociais permitiu apreender, além do discurso manifesto, as concepções que trafegam no vivenciar do período pós-separação e o seu impacto, ampliando a compreensão sobre os atores sociais, seus afetos e modos de conhecer e agir frente ao mundo.

Palavras-chave: Separação conjugal; Divórcio; Família; Relação; Representações Sociais.

ABSTRACT

Barbosa, Andreza Maia Silva. "NO ONE GETS MARRIED THINKING ABOUT SEPARATING": SOCIAL REPRESENTATIONS OF PEOPLE WITH UNDONE UNIONS ON SEPARATION AND / OR DIVORCE. 2018. 79 f. Dissertation (Master in Psychology). Graduate Program in Psychology, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina / PE, 2018.

The phenomenon of human conflicts has been approached by different disciplines throughout history. When they become frequent and difficult to resolve between spouses, separation or divorce are considered as alternatives to solve marital problems. Thus, the objective of this study was to understand the Social Representations of men and women who have undergone the process of separation or divorce about them. This study was carried out through a qualitative research based on the Theory of Social Representations, carried out with 15 men and 15 separated or divorced women residing in Juazeiro-BA and Petrolina-PE, captured by the snowball method. Sociodemographic questionnaire and semi-structured interview were used for the collection. The data were analyzed with the support of the software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2. It was noticed that the initiative of dissolution of the marriage bond mainly comes from the woman. The social representations of separation reveal the implications of this process on the life of the participants in general, mainly by the changes that have occurred, varying according to the experiences and the types of relationship established. They are based on the idea that the separation can present elements of contributions, as well as disadvantages to the personal and family nucleus. It can be observed that the representations expressed were marked by the desire for a better quality of life and well-being; the separation was seen as positive, and despite the sense of freedom and autonomy, they need to use strategies of coping that minimize the feeling of loneliness, whether in the search for friends, God, a therapist or a new loving involvement. In women, life expectancies are marked in the face of separation, whereas in men the personal concerns about divorce and also how to deal with this moment are highlighted in the representations. The realization of this study by the Theory of Social Representations allowed to apprehend, in addition to the manifest discourse, the conceptions that go through the experience of this post-separation period and its impact, broadening the understanding about the social actors, their affections and their mode of knowing and acting before the world.

Keywords: Marital separation; Divorce; Family; Relationship; Social Representations.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

Quadro 1- Demonstração geral dos artigos da dissertação – Pág. 19

ARTIGO I

Tabela 1- Perfil dos participantes – Pág. 26-27

Figura 1 - Dendrograma representativo das repartições em classes que se destacaram nos discursos dos participantes – Pág. 28

ARTIGO II

Tabela 1- Perfil dos participantes – Pág. 47

Figura 1- Nuvem de palavras em função da sua frequência para o discurso das mulheres – Pág. 49

Figura 2- Nuvem de palavras em função da sua frequência para o discurso dos homens – Pag. 53

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
OBJETIVOS.....	17
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	19
QUADRO 1.....	21
ARTIGO I.....	22
ARTIGO II.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICES.....	70
ANEXOS.....	76

O divórcio, de acordo com Diniz (2015), é a dissolução de um casamento válido; a extinção do vínculo matrimonial, que se opera mediante sentença judicial, habilitando às pessoas a convolar novas núpcias. O Decreto n. 181, de 1890, que instituiu o casamento civil no Brasil, previa o divórcio *a thoro et mensa*, que acarretava somente a separação de corpos, mas não rompia o vínculo matrimonial.

Durante a vigência do Código Civil de 1916, o casamento válido só poderia ser dissolvido pela morte de um dos cônjuges. Posteriormente, a Constituição de 1934 consagraria a indissolubilidade do casamento, de modo que a família era constituída pelo casamento indesatável e estava sob a proteção especial do Estado, princípio este que foi reiterado nas Constituições de 1937, 1946 e 1967 (Freitas, 2013; Gonçalves 2012).

Dessa forma, até meados da década de 1970, admitia-se apenas o rompimento da sociedade conjugal, mantendo-se o vínculo do casal. Isso era possível por meio do desquite, que significa “não quites”, em débito para com a sociedade, demonstrando a resistência e o preconceito de forma severa por parte desta para tal situação. Deve-se ressaltar que este foi um período em que o Direito de Família era extremamente influenciado pela Igreja, de modo que prevalecia a máxima *o que Deus uniu, o homem não separa*. Não obstante, o interesse em preservar o casamento fez surgir o instituto da culpa no âmbito do direito das famílias, na tentativa de desestimular a dissolução do matrimônio (Borges Filho, 2011; Dias, 2015).

O *divórcio vincular*, que dissolve completamente o vínculo conjugal de forma a permitir novo casamento, foi regulamentado no Brasil pela Lei 6.515, de 26 de dezembro de 1977, dando nova denominação ao desquite, que transformou-se em separação, passando a existir duas formas de rompimento do casamento: a separação e o divórcio. Porém, mesmo com o advento da Lei do Divórcio, a visão matrimonializada da família ainda permaneceu. Quem nada tinha contra o parceiro e não conseguia identificar uma causa culposa atribuível ao cônjuge não poderia buscar a separação, ainda que houvesse tentado a ação para dar fim ao casamento (Freitas, 2013; Dias, 2015).

Observa-se, desse modo, que a principal diferença prática entre separação e divórcio diz respeito à possibilidade que este tem de permitir um novo matrimônio, tornando-se medida muito mais abrangente que a separação. Inicialmente, na modalidade de divórcio-conversão, proposta pela Lei 6.515/77, depois de separados judicialmente por três anos o casal poderia requerer a conversão da separação em divórcio; abria também a possibilidade do divórcio direto, porém estava somente ao alcance dos casais se provada à ruptura da vida em comum

por pelo menos cinco anos, prazos alterados para um e dois anos, respectivamente, pela Lei 8.408/92.

No entanto, a legislação não contemplou a única causa que pode tornar insuportável à vida em comum: o fim do amor, uma vez que é o esgotamento do vínculo de afetividade que leva alguém a violar os deveres do casamento. Embora seja certo e incontroverso que todo casamento tende à manutenção, não se pode olvidar a possibilidade de cessação do afeto, encerrando, assim, o projeto familiar (Dias, 2015; Farias e Rosenthal, 2015). Desse modo, é preciso perceber que mais relevante que a manutenção de um casamento sem felicidade para os cônjuges, quiçá a violação da sua própria dignidade, é o respeito às liberdades e garantias individuais (Borges Filho, 2011; Pacheco, 2014, Farias e Rosenthal, 2015).

Um importante elemento a ser destacado no que tange ao assunto foi à promulgação da Lei 11.441/2007, que estabeleceu normas acerca da separação e do divórcio consensuais, bem como do inventário, todos realizados extrajudicialmente em tabelionato de notas. Trata-se de uma excelente inovação, visto que tem por objetivo facilitar a realização de separações e divórcios consensuais em que não há filhos menores ou incapazes do casal e do inventário em que os interessados são capazes e concordes. O objetivo dessa Lei, ao proibir a separação ou o divórcio extrajudiciais quando existirem filhos menores ou incapazes do casal, deve-se ao fato de que há interesses que devem ser protegidos, neste caso os dos filhos, em que, inclusive, deve haver a intervenção do Ministério Público, conforme preceitua o art. 82, I, do Código de Processo Civil (Cassetari, 2015).

Nesse contexto, em julho de 2010 entrou em vigor a Emenda Constitucional nº 66/2010, que exclui toda e qualquer restrição para a concessão do divórcio, cabendo ocorrer sem prévia separação, justificativa ou exigência de prazos. Dessa maneira, o § 6º do art. 226 da Constituição Federal, que antes estabelecia que “o casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos” passou a vigorar de forma que “o casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio”.

É perceptível que o número de separações e divórcios tem aumentado significativamente no Brasil e no mundo. A cada ano, países como Canadá e Estados Unidos registram um divórcio para cada dois casamentos. Desde os anos de 1960 e 1970, quando as barreiras econômicas e sociais para a ocorrência do divórcio diminuíram, em parte graças ao aumento das mulheres no mercado de trabalho, os índices de divórcio aumentaram. Tais

indicadores têm variado em cada país, de modo que para entendê-los, pode ser útil conhecer aspectos culturais. Sobre este tema, Myers (2014) sugere que culturas individualistas, em que o amor é um sentimento e as pessoas o valorizam, têm mais divórcios do que as coletivistas, em que o amor implica obrigação e as pessoas preocupam-se mais com o que os outros podem dizer (Viegas e Ramires, 2012; Myers, 2014).

No contexto brasileiro, a taxa de divórcios cresceu mais de 160% no período entre 2004 e 2014. De acordo com a avaliação do IBGE, a elevação sucessiva do número de divórcios concedidos ao longo desses anos revela uma crescente mudança de comportamento da sociedade, que passou a aceitá-lo com maior naturalidade. Além disso, a facilidade no acesso aos serviços de Justiça teria contribuído para a formalização das dissoluções dos casamentos (IBGE, 2015; Portal Brasil, 2015).

As enormes mudanças sociais repercutem na relação do casal, propiciando uma nova forma de viver a conjugalidade (Rolim e Wendling, 2013), de modo que nas últimas décadas, o divórcio tem sido o foco de inúmeras investigações científicas (Viegas e Ramires, 2012). Porém, destaca-se que os estudos realizados acerca desse tema, em sua maioria, ainda abordam-no como um dano ao equilíbrio familiar, que sofre influências da sua matrimonialização, apresentando questões referentes às causas e conseqüências do divórcio, bem como a interferência na relação com os filhos, juntamente com o desempenho dos papéis parentais após o fim do casamento.

Admite-se que, como sugerem Farias e Rosenvald (2015), o divórcio pode materializar o direito reconhecido a cada pessoa de promover a cessação de uma comunidade de vida, de um projeto afetivo comum que simplesmente se encerrou - por motivos que não interessam a terceiros, ao Estado e, em alguns casos, a eles próprios. Nesse sentido, toda e qualquer restrição à obtenção da ruptura da vida conjugal não fará mais do que convalidar estruturas familiares enfermas. Sendo assim, o divórcio pode não ser um mal para a sociedade, mas um “remédio para um mal”.

Diante dessa realidade, o presente estudo se propôs a investigar o divórcio como fenômeno independente, percebendo de que forma as pessoas que passaram por este processo, bem como pela separação, representam-no socialmente, assumindo uma perspectiva psicossociológica para a compreensão do tema em questão.

Dessa maneira, busca-se, a partir deste estudo, perceber se existem diferenças nas representações do divórcio em relação ao gênero, ao tempo de ocorrência e duração do

casamento, idade dos participantes, existência de filhos, situação econômico-social e relações afetivas, dando voz às pessoas divorciadas e separadas envolvidas nesse fenômeno.

A base teórico-metodológica utilizada para investigar a temática é a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici, fundada em 1961 a partir da publicação da obra seminal *La psychanalyse, son image et son public*. Conceitualmente, a Teoria das Representações Sociais pode ser entendida como uma forma de conhecimento do senso comum, socialmente elaborada e partilhada em um determinado grupo social, que tem uma orientação prática, organizando e dando sentido ao mundo em que tal grupo se insere (Jodelet, 2001; Almeida, 2006).

Atualmente esta teoria tem se destacado como aporte para pesquisadores de diversas áreas, não se restringindo apenas à Psicologia Social, pois é considerada um instrumento de estudo particularmente importante nas relações onde os aspectos simbólicos são determinantes das condutas, das práticas e dos comportamentos. Toda representação se origina de um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto (Arruda, 2002).

Para Moscovici (2012), o importante não é conhecer as representações de um passado remoto ou das sociedades primitivas, mas aquelas presentes no tempo atual da sociedade, considerando-se que o conhecimento produzido é relativo a quem fala e de onde fala, a qual grupo pertence, e não ao objeto em si.

Assim, utilizar a TRS como abordagem teórica e metodológica implica investigar o que pensam os indivíduos acerca de determinado objeto (o divórcio, neste caso); por que pensam (as funções que as representações assumem na dinâmica social) e como pensam. Dessa forma, abrirá uma frente de discussão pouco explorada em torno das particularidades do divórcio e separação, do ponto de vista de sujeitos que passaram por estes processos.

Nessa perspectiva, investigar como pessoas divorciadas e separadas apresentam e representam o tema estudado pode ser um meio capaz de ajudar na compreensão de como os atores sociais envolvidos percebem e entendem as suas particularidades, suscitando debates envolvendo esta temática. Além disso, é uma forma de nos aproximarmos do cotidiano dessas pessoas para tentar compreender no imaginário social como se estabelece a dissolução da união entre o casal.

O objetivo geral que norteou este estudo foi compreender as Representações Sociais de homens e mulheres que passaram pelo processo de separação e divórcio acerca dos mesmos. Por entender que vários aspectos estão envolvidos nesse processo pela peculiaridade do tema, propusemo-nos a desenvolver estudos com os seguintes objetivos específicos:

- Verificar os elementos das representações sociais do divórcio/separação para os participantes;
- Identificar possíveis mudanças ocasionadas pelo divórcio/separação na vida pessoal e familiar;
- Perceber se existem diferenças de enfrentamento ao divórcio de acordo com o gênero;
- Observar perspectivas de futuro com relação ao pós-divórcio.

Os estudos que compõem esta dissertação estão apresentados sob o formato de dois artigos, desenvolvidos por meio de uma pesquisa realizada com homens e mulheres que passaram pela experiência da separação ou divórcio.

O artigo I, intitulado “Representações Sociais de pessoas com uniões desfeitas sobre a Separação Conjugal”, destacou as representações sociais de pessoas separadas e divorciadas acerca destes processos e as implicações para a vida de cada um. Foi possível perceber que as representações variam de acordo com o gênero, as experiências vivenciadas e os tipos de relações estabelecidas.

No artigo II, “Acabou, e Agora? Estratégias de enfrentamento à Separação e Divórcio: um estudo de representações sociais”, observou-se que homens e mulheres percebem as mudanças oriundas com a separação e têm expectativas de futuro diferenciadas, que variam de acordo com o enfrentamento desse processo. Dessa maneira, as estratégias estão voltadas para o apoio familiar, social e espiritual, buscando qualidade de vida em torno da saúde física e mental.

Por fim, encontram-se as considerações finais que sintetizam os estudos, apontando sugestões para a ampliação da discussão sobre a temática e a implementação de estratégias que possibilitem a melhoria da atenção às pessoas separadas e dificuldades enfrentadas por estas. As referências utilizadas em cada estudo estão dispostas após os mesmos, facilitando o acesso a elas. Aquelas que constam na Apresentação e nas Considerações Finais estarão disponíveis ao final da dissertação, no item Referências, assim como os apêndices e anexos usados durante o processo de sua construção.

QUADRO 1: Demonstração geral dos artigos da dissertação.

	Objetivos	Participantes	Métodos de coleta de dados	Análise de dados
Artigo I	Analisar as representações sociais de pessoas com uniões desfeitas sobre a separação conjugal e/ou divórcio.	30 participantes, sendo 15 homens e 15 mulheres, que passaram pela experiência de separação ou divórcio.	Aplicação de formulário estruturado, para caracterização da amostra quanto aos dados sociodemográficos, e entrevista semiestruturada.	Classificação Hierárquica Descendente com o apoio do software IRaMuTeQ
Artigo II	Identificar as expectativas de futuro e estratégias de enfrentamento para homens e mulheres que passaram pela experiência da separação ou divórcio	30 participantes, sendo 15 homens e 15 mulheres, que passaram pela experiência de separação ou divórcio.	Aplicação de formulário estruturado, para caracterização da amostra quanto aos dados sociodemográficos, e entrevista semiestruturada.	Nuvem de palavras com o apoio do software IRaMuTeQ

Representações Sociais de pessoas com uniões desfeitas sobre a Separação Conjugal

RESUMO: A vivência da conjugalidade foi sendo alterada ao longo do tempo, sendo que na atualidade está marcada pela fragilidade dos laços afetivos. Nesse cenário, verifica-se que, de maneira geral, as relações afetivas estão cada vez mais rápidas e cristalizadas, propiciando a fragilização dos vínculos humanos. Sendo assim, a dissolução destes para o casal é cada vez mais frequente pela separação ou por divórcio. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar as representações sociais de pessoas divorciadas ou separadas sobre a separação conjugal. Realizou-se pesquisa de abordagem qualitativa norteada pela Teoria das Representações Sociais. Participaram 30 pessoas, sendo 15 homens e 15 mulheres, com idades entre 25 e 54 anos, residentes na região do Vale do São Francisco, nos Estados de Bahia e Pernambuco do Brasil, captadas pelo método bola de neve. Para a coleta foram utilizados questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados pela Classificação Hierárquica Descendente, com o apoio do software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2, sendo identificadas três classes distribuídas em dois eixos: o primeiro, composto pela classe 3 com 27,6% dos seguimentos de textos; e o segundo eixo, composto pelas classes 1 (36,3%) e pela classe 2 (36,1%). Foram identificados dois grandes eixos a partir do discurso dos participantes, um diz respeito às *consequências* da separação e o outro sobre a relação entre o *indivíduo e a sociedade*. As representações sociais revelam as implicações desse processo na vida dos participantes de modo geral, variando de acordo com as experiências vivenciadas e os tipos de relação estabelecidos.

Palavras-chave: Separação conjugal; Divórcio; Família; Relação; Representações Sociais

Social Representations of people with unmarried unions on the Conjugal Separation

ABSTRACT: The experience of conjugality has been altered over time, and is currently marked by the fragility of affective bonds. In this scenario, it is verified that, in a general way, the affective relations are increasingly fast and crystallized, propitiating the weakening of the human bonds. Thus, the dissolution of these into the couple is increasingly frequent by separation or divorce. In this sense, the purpose of this study was to analyze the social representations of divorced or separated people about the separation of the couple. A qualitative research was carried out guided by the Theory of Social Representations. Participated 30 people, 15 men and 15 women, aged 25 to 54 years, living in the region of the Valley of the São Francisco, in the States of Bahia and Pernambuco do Brazil, captured by the snowball method. Sociodemographic questionnaire and semi-structured interview were used

for the collection. The data were analyzed by the Descending Hierarchical Classification, with the support of the software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2, being identified three classes distributed in two axes: the first one, composed by class 3 with 27.6% of texts; and the second axis, composed of classes 1 (36.3%) and class 2 (36.1%). Two main axes were identified from the participants' discourse, one concerning the consequences of separation and the other about the relationship between the individual and society. Social representations reveal the implications of this process in the lives of the participants in general, varying according to the experiences lived and the types of relationship established.

Keywords: Marital separation; Divorce; Family; Relationship; Social Representations

INTRODUÇÃO

O divórcio, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2016), é a dissolução de um casamento válido; a extinção do vínculo matrimonial, que se opera mediante sentença judicial, habilitando às pessoas a convolar novas núpcias, podendo ser: Consensual - quando a ação é decorrente da petição conjunta dos cônjuges; não consensual - quando a ação é decorrente da petição de apenas um dos cônjuges. No caso das escrituras de divórcio, a natureza consensual é obrigatória, bem como a inexistência de filhos menores de idade ou incapazes (IBGE, 2016).

Desse modo, a principal diferença prática entre separação e divórcio diz respeito à possibilidade que este tem de permitir um novo matrimônio, tornando-se medida muito mais abrangente que a separação. Embora sejam institutos distintos, a separação e o divórcio merecem apreciação conjunta, uma vez que ambos são elencados como modalidades que põem termo ao casamento.

A separação (legalizada ou não) expressa e expõe socialmente a discórdia existente entre o casal e o desejo de uma das partes (ou das duas) de romper uma relação de convivência, sendo assim um processo complexo, que mobiliza sentimentos ambivalentes em suas mais diversas fases (pré e pós-separação), deparando-se com uma nova situação, tendo repercussões internas (afetivas), familiares, sociais e até laborais (Romaro e Oliveira, 2008).

A vivência da conjugalidade foi sendo alterada ao longo do tempo em consonância com o contexto histórico, sendo que na atualidade está marcada pela fragilidade dos laços afetivos. Nesse cenário, verifica-se que, de maneira geral, as relações afetivas estão cada vez mais rápidas e cristalizadas, propiciando a fragilização dos vínculos humanos, aspecto que

está inter-relacionado à crise do casal como instituição. Sendo assim, a dissolução dos vínculos relacionais ao casal é cada vez mais frequente, pela separação ou por divórcio (Bauman, 2004; Rolim & Wendling, 2013).

Em 2015, a Pesquisa Estatísticas do Registro Civil apurou 328.960 divórcios concedidos em primeira instância ou por escrituras extrajudiciais no Brasil. De acordo com a avaliação do IBGE, publicada em 2015, a elevação sucessiva do número de divórcios concedidos ao longo desses anos revela uma crescente mudança de comportamento da sociedade nacional, que passou a aceitá-lo com maior naturalidade. Além disso, a facilidade no acesso aos serviços de Justiça teria contribuído para a formalização das dissoluções dos casamentos (Portal Brasil, 2015).

Na Colômbia, o divórcio aumentou nos últimos anos. Durante o terceiro trimestre de 2014, foram notificados 17.644 registros matrimoniais, em comparação com 4.881 divórcios (Notarized Bulletin Statistical No. 4 de dezembro de 2014 citado por Cabrera et al, 2017). Estatísticas apontam que os Estados Unidos têm uma taxa de divórcio de 53%, que disparou nos últimos anos. Houve aumento na década de 1940 após a Segunda Guerra Mundial, assim como na década de 1970, crescendo novamente no início do século XXI. Dito isto, 2013 e 2014 mostraram declínio, porém alguns especialistas afirmam que esta taxa não diminuiu, apenas estabilizou-se. A Bélgica, por sua vez, tem a mais alta relação global de divórcio para casamento do mundo, com 71%. Uma das principais razões para este número ser tão alto é o sistema de segurança social, que beneficia os solteiros. As taxas de divórcio eram apenas 9.2% em 1970, passando para 75.7% em 2009, representando um aumento de 66.5% em 44 anos (Plunkett, 2014).

De acordo com diferentes teóricos, o divórcio é um fenômeno indesejável para as pessoas que o vivem e para toda a sociedade, além de não contribuir para a sustentabilidade social e econômica da família (Cabrera, Docal, Muñoz e Olaya, 2015, Cabrera et al., 2017).

Cortar laços, segundo Myers (2015), produz uma sequência previsível de preocupação agitada com o parceiro perdido, seguida de profunda tristeza e, finalmente, o início de distanciamento emocional, que seria um retorno à vida normal e um renovado sentido de self. Contudo, é importante considerar que a gravidade e a duração dos efeitos do divórcio variam de pessoa para pessoa, dependendo de uma variedade de fatores de proteção. Cabrera et al (2017) apontam que as pessoas divorciadas recebem diferentes tipos de apoio, porém quem vive esse fenômeno ainda pode sofrer estigmatiza e exclusão social.

O divórcio é um acontecimento complexo que pode ser visto a partir de múltiplas perspectivas. A investigação sociológica tem-se concentrado principalmente nos preditores de ruptura conjugal como sendo a classe social, raça, e idade do primeiro casamento. A investigação psicológica, em contraste, tem-se centrado na dimensão conjugal de interação, como a gestão do conflito, ou sobre as características de personalidade, tais como o comportamento antissocial ou afeto negativo (Martins, 2010).

Sendo assim, o estudo das representações sociais se faz necessário por levar em conta tanto os fatores e comportamentos diretamente observáveis quanto a dimensão simbólica que está relacionada à significação, o que nos permite conhecer os sentidos atribuídos ao fenômeno investigado; a realidade material que lhe serve de referência para que se estabeleçam as ancoragens; as explicações engendradas, que nos permitem entender os comportamentos; as atitudes e as opções das pessoas pelos caminhos que seguem nos seus cotidianos (Ferreira, 2016).

Buscando perceber de que forma a separação tem sido apresentada e representada por pessoas que passaram por esse processo é que surgiu a motivação para a realização desse estudo. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar as representações sociais de pessoas com uniões desfeitas sobre a separação conjugal e/ou divórcio, com o intuito de identificar as particularidades desse fenômeno social, partindo da perspectiva de quem o vivenciou, verificando seus efeitos e características na atualidade.

MÉTODOS

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, no âmbito da pesquisa social. Utilizou-se como referencial teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais (TRS) (Moscovici, 2012), que situam-se na interface do psicológico e do social e podem ser entendidas como um conjunto de informações, opiniões, atitudes e crenças sobre determinado objeto, ou seja, formas de conhecimento elaboradas e compartilhadas socialmente por meio da linguagem, contribuindo para a construção de uma realidade comum, possibilitando a compreensão e a comunicação do sujeito no mundo, por serem marcadas por valores que são correspondentes ao sistema sócio ideológico e a história do grupo.

A amostra foi constituída por 30 participantes, sendo 15 homens e 15 mulheres, com idades entre 25 e 54 anos, residentes nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, que passaram pelo processo de separação ou divórcio, com idade superior a 18 anos e que

tivessem vivenciado a conjugalidade por ao menos um ano de duração. Todos os entrevistados concederam anuência para participação na pesquisa e foram selecionados por meio do critério bola de neve.

O aceite de participação foi documentado mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando os aspectos éticos conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Cada participante será identificado por nomes fictícios, garantindo o anonimato. É válido destacar que a coleta só foi iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da UNIVASF (Protocolo CAAE - 57399416.3.0000.5196).

A coleta de dados foi realizada individualmente, com horário e local combinados com cada participante, garantindo a sua privacidade. Houve aplicação de formulário estruturado, versando sobre questões para caracterização da amostra quanto aos dados sociodemográficos, além de entrevista semiestruturada. O conteúdo foi gravado em aparelho de áudio, com posterior transcrição.

O material produzido durante as entrevistas deu origem ao corpus e foi analisado pela técnica da Classificação Hierárquica Descendente, tratado pela análise de conteúdo informatizada através do sistema de análise quantitativo de dados textuais, o software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2 (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009), permite diferentes processamentos e análises estatísticas de textos produzidos, ancorado no software R e na linguagem de programação python.

O programa analisa a co-ocorrência das palavras nos segmentos de texto, organizando e dividindo-os em classes, como explicam Fernandes, Costa e Andrade (2017). Com base nesse teste, o programa realiza uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que é apresentada por um dendograma, indicando os eixos dos discursos, as classes lexicais e suas oposições. Assim, através da análise lexicográfica, apresenta contextos caracterizados pelo vocabulário compartilhado pelos participantes, identificando seu campo comum e a associação léxica com o contexto, traduzindo a mensagem, uma vez que o programa apresenta também os trechos de discursos em que as palavras classificadas foram ditas.

O relatório gerado pelo IRaMuTeQ classificou como relevante 84,46% do material. Kronberger e Wolfgang (2002) afirmam que para garantir a estabilidade dos resultados, é aceitável a classificação de, pelo menos, 70% das unidades de texto.

O corpus analisado sobre o tema *separação* foi composto por 30 entrevistas, sendo repartido em 1930 segmentos de texto com 4906 palavras, com frequência média de ocorrência de 3.83% por palavra e frequência média de 34.46% de ocorrência por seguimento de texto. Após a redução dos vocábulos às suas raízes, obtiveram-se 2889 lematizações (presença simultânea de dois ou mais itens lexicais na mesma área), que resultou em 1830 palavras analisáveis e 1048 palavras suplementares. Com o processo de classificação hierárquica, o software agrupou os dados em 3 classes, por sua vez dispostas em torno de dois eixos, que serão apresentados adiante, através do dendograma e analisadas como categorias de sentido para as representações da separação apresentadas pelos participantes da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A média de idade dos participantes foi de 42,34 anos, variando de 25 a 54 anos. Com relação ao estado civil atual, 43,3% se declararam divorciados, 23,3% separados, 20% solteiros, 10% casados e 3,3% vivenciando união estável. Quanto à religião, 56,7% eram católicos, 16,7% sem religião, 13,3% evangélicos, 10% espíritas e 3,3% praticavam outras religiões.

A renda média familiar foi de 2 a 5 salários mínimos, sendo 76,6% com nível superior de escolaridade, 6,66% superior incompleto e 16,66% com ensino médio. Nenhum dos participantes se declarou desempregado; 92,31% estavam empregados e 7,69% aposentados.

Sobre as questões voltadas para o relacionamento, 83,33% possuíam filhos. Em 80% dos casos, a relação foi vivenciada por meio de casamento civil e 20% por união estável, com duração média de 10,65 anos, sendo a duração mínima de um ano e a máxima de 29 anos. O término se deu por meio de divórcio em 53,33% e separação em 46,67% dos casos, sendo o tempo médio do rompimento até o momento da pesquisa de 7,06 anos, com mínimo de 7 meses e máximo de 21 anos, como apresentado na tabela a seguir.

Tabela 1. Perfil sociográfico dos participantes. N=30.

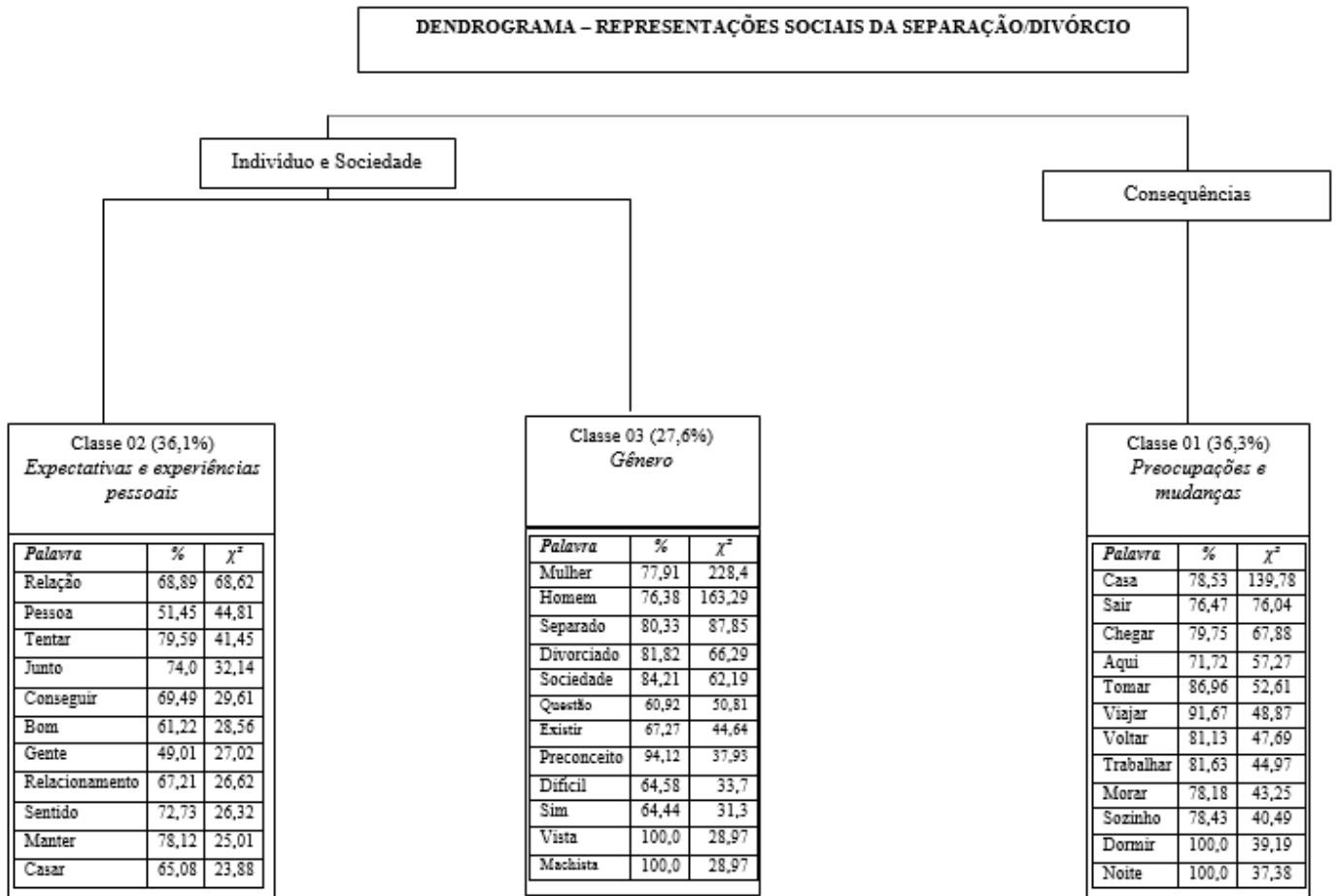
<i>Características dos participantes</i>	<i>Média</i>	<i>n</i>
<i>Idade</i>	42,34	25-54
<i>Duração social do matrimônio</i>	10,65	1-29
<i>Tempo transcorrido desde o divórcio</i>	7,06	0,7-21
<i>Religião</i>		
Católica	56,7%	17
Espírita	10%	3
Evangélica	13,3%	4

	Sem religião	16,7%	5
	Outra (Cristã)	3,3%	1
<i>Estado civil no momento do estudo</i>			
	Solteiro(a)	20%	6
	Casado(a)	10%	3
	Divorciado(a)	43,3%	13
	Separado(a)	23,3%	7
	União estável	3,3%	1
<i>Renda média Familiar (em salários mínimos)</i>			
	Até 1	3,33%	1
	De 1 a 2	16,67%	5
	De 2 a 5	23,33%	7
	De 5 a 10	26,67%	8
	Acima de 10	30%	9
<i>Escolaridade</i>			
	Médio	16,66%	5
	Superior incompleto	6,66%	2
	Superior	76,66%	23
<i>Tipo de relação vivenciada</i>			
	União estável	20%	6
	Casamento	80%	24
<i>Tipo de término da relação</i>			
	Separação	46,67%	14
	Divórcio	53,33%	16
<i>Filhos</i>			
	Sim	83,33%	25
	Não	16,67%	5

Fonte: elaborada pelas autoras.

Após a concretização da Classificação Hierárquica Descendente foram identificadas três classes, distribuídas em dois eixos: o primeiro, composto pela classe 1, com aproximadamente 36,3% dos seguimentos de textos; e o segundo eixo, composto pelas classes 2 (36,1% dos seguimentos de textos) e 3 (27,6% dos seguimentos de textos). Estes são apresentados no dendograma (figura 1), com a categorização da classe, o valor percentual dos seguimentos de textos em relação ao total do corpus analisado e as palavras que mais se destacaram em suas respectivas classes.

Figura 1. Dendrograma



Representações sociais da separação

As representações sociais acerca da separação e divórcio denotam que muitos são os aspectos que emergem diante de tal fato, sendo alguns deles bastante negativos e outros, entretanto, que convergem para diversas mudanças e modificações na rotina e na vida, avaliadas positivamente.

As classes 2 e 3 trazem à tona como os participantes representam a separação e a vivência desse processo por homens e mulheres. Os dados apresentados na classe 2 denotam as *expectativas e experiências* trazidas com a separação. Essa classe é formada por depoimentos que dizem respeito a como os sujeitos vivenciaram o processo de separação, os efeitos na vida pessoal, nas relações sociais e familiares, bem como às expectativas para um

novo relacionamento. Algumas palavras que expressam essas ideias são: “pessoa”, “relação”, “relacionamento”, “sentido”, “tentar”, “manter”, “junto”. É comum encontrar relatos que afirmam que mesmo com o fim do casamento, o vínculo não se desfaz, principalmente quando existem filhos oriundos do casal, como é possível identificar nos discursos a seguir:

Ah, eu pensava assim: eu vou trabalhar, vou aprender a me manter sozinha e aí eu não vou mais precisar dele. Mudou porque eu vejo que hoje a gente ainda continua ligado à pessoa, querendo ou não querendo, principalmente quando tem filhos. (Anyelle, 42 anos, divorciada)

Nossa relação é muito boa, mas eu tento fazer da melhor maneira possível pra não ou pra afetar o mínimo possível a nossa filha (Diogo, 35 anos, divorciado)

Viajei muito com eles (filhos) pra gente tentar manter essa relação e viver. Pra eles verem também que o pai estava ali também; a vida continuava e eles sempre teriam os dois pais. Eles não estão juntos, mas teriam os dois pais. (Walter, 43 anos, solteiro)

Sobre este aspecto, Cunico e Arpini (2014) corroboram que, ocorrida a dissolução do relacionamento amoroso, o ex-casal precisará vivenciar uma nova realidade a fim de manter um bom relacionamento coparental. A coparentalidade é definida como a relação mantida entre dois adultos – normalmente a mãe e o pai – que partilham a responsabilidade na educação e na prestação de cuidados à criança (Lamela, Nunes-Costa, & Figueiredo, 2010). Dessa forma, é identificada como um dos principais preditores do ajustamento psicológico das crianças e pais, bem como do funcionamento familiar, sejam as famílias separadas ou não (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2013).

Nesse sentido, é importante que esteja claro as responsabilidades de cada um em relação aos filhos, afinal a parentalidade não se dissolve com a separação. O ex-casal deve se perceber na tarefa de criar os filhos, mesmo com o fim do relacionamento conjugal. Por outro lado, também é comum encontrar relatos que demonstram a dificuldade de separar conjugalidade de parentalidade, como se a separação fosse dos filhos e não do casal, o que pode gerar profunda crise, atingindo todo o sistema familiar (Dolto, 2011; Pereira, 2011). Sobre as relações sociais, de trabalho, família extensa (pais, irmãos) e com os filhos, os relatos apontam para melhor desempenho no trabalho e maior aproximação dos familiares e amigos, embora àqueles provenientes do ciclo de amizade construído pelo casal, muitas vezes, não são mantidos:

Melhorou a questão profissional, minha relação até com outras pessoas também, então me tranquilizou mais, outras pessoas a nível de amizade. (Karlos, 40 anos, divorciado)

Eu tenho essas sensações de que você acaba se afastando um pouco de algumas amizades. Os amigos do casal, por exemplo, não são mais amigos, eram amigos do casal, não são mais seus amigos. Você acaba tendo que buscar outras amizades (Irene, 40 anos, divorciada)

Eu posso tá na casa de minha mãe, que eu não podia, que ele achava ruim. (Quele, 39 anos, solteira)

Partindo desses relatos, observa-se que a dissolução de vínculos conjugais impele os cônjuges à tarefa de reconstrução de nova identidade, com repercussões diversas. A separação de um casal reverberará nos sistemas e contextos em que estava inserido, direta ou indiretamente. Por exemplo, o vínculo com os amigos em comum costuma ficar desestabilizado, enquanto o contato com as famílias de origem se intensifica. Nesse contexto, todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito, sua família, amigos, relações de estudo e trabalho, por exemplo, constituem o sistema significativo de cada um, contribuindo na formação de sua identidade, nos processos de integração e no potencial de mudança. A soma dessas relações pode ser definida como rede social, de modo que cada um desses vínculos pode apresentar diferentes funções, entre elas, companhia e regulação social, apoio emocional, ajuda material e de serviços e acesso a novos contatos (Rolim & Wendling, 2013).

Outro fator que é observado no discurso dos sujeitos é a dualidade dos sentimentos frente à separação. Por um lado, a frustração pelo casamento acabar, uma vez que “ninguém casa pensando em separar”; por outro, a sensação de alívio pelo fim de um relacionamento que não era harmonioso.

Quando você se une, você nunca pensa em se separar. Então, de certa forma, você tem um sentimento de não ter conseguido fazer com que aquela relação desse certo [...]. Você idealiza que vai ter uma relação muito boa com aquela pessoa. Durante anos e durante uma boa parte do tempo é assim, mas depois você começa a visualizar outras possibilidades, você quer mais, você fica mais ansioso por mudança. A rotina desgasta um pouco. (Walter, 43 anos, solteiro).

Com relação ao divórcio, a gente pensa em casar, e pro resto da vida. Se for pra representar, ele tá demonstrando que um casamento não deu certo. (Olívia, 26 anos, divorciada).

Quando tudo acabou, tem que ter o divórcio mesmo, porque não adianta a pessoa viver de aparência se não tem mais aquela relação de matrimônio conjugal. (Mariana, 51 anos, solteira).

Eu penso assim: quando algo não tá bom, a gente precisa mudar! (Carla, 47 anos, divorciada).

Com relação a estes aspectos, Zordan (2010) salienta que os casamentos na atualidade continuam influenciados pelo ideal de amor romântico surgido no século XVIII, nos mais variados estilos de vida e de arranjos conjugais. Nesse sentido, a vivência da conjugalidade inclui a criação de pactos e acordos conjugais, onde são incluídas as crenças, valores e defesas próprios do casal, bem como de seus antecessores e contemporâneos significativos. Essas vivências dão, de certa forma, o tom dos vínculos que serão construídos na relação. Nesse aspecto, a conjugalidade pode propiciar tanto elos sadios e construtivos quanto frustrações e sofrimentos (Rolim & Wendling, 2013).

Além das questões voltadas para a separação, os relatos apontam para expectativas frente a novas relações, bem como as experiências adquiridas na experiência da conjugalidade e no processo de separação. Não há como se despir das suas vivências, sendo a bagagem levada para relações posteriores:

Se por ventura eu vier conhecer uma pessoa, tiver um outro relacionamento, teria que ser uma pessoa muito tranquila, como eu. (Carla, 47 anos, divorciada).

Pra eu colocar uma pessoa na minha vida, eu tenho que estar totalmente segura de que essa pessoa vai ser boa pro meu filho, porque se eu imaginar que essa pessoa tem qualquer ressalva com relação ao meu filho, certamente essa pessoa não vai entrar na minha vida. (Hilda, 40 anos, solteira).

A partir do momento que eu percebi que aquela pessoa não me ajudava mais, então a gente seguiu em frente. E hoje eu vejo que foi bom, o que eu tinha de experiência, hoje eu faço de maneira melhor nessa minha relação. (Vinícius, 34 anos, divorciado).

Eu acho que eu me tornei, não gosto de dizer uma pessoa mais experiente, porque experiência não é uma coisa somatória, mas sábia, de entender melhor as questões da relação, de saber evitar algumas coisas. (Ulisses, 47 anos, casado).

Acredita-se que o grande número de divórcios tem ocorrido devido à hipervalorização do casamento, a ponto de não aceitarem permanecer em uma relação que não corresponda a suas expectativas. Assim, o divórcio refletiria uma exacerbada exigência dos cônjuges, o que explica o fato de, na maioria dos casos, os divorciados acabarem caminhando para o recasamento (Rolim & Wendling, 2013).

Partindo dessas ideias, se faz necessária a compreensão das problemáticas do casal, considerando as tensões da individualidade e da conjugalidade como forças paradoxais presentes na vivência do casal no contexto contemporâneo. A relação demanda intenso investimento afetivo e temporal por parte dos cônjuges. Contudo, a presença de características individualistas no casamento, cada vez mais fortes, implica que esses aspectos sejam vivenciados pelo casal sob novas formas, que se refletem no aumento das expectativas e na idealização extremada, provocando tensões e conflitos. Desse modo, há de se privilegiar uma visão distanciada do modelo institucional de casamento, considerando que o casamento na atualidade está ligado a noções de mutabilidade, transformação e flexibilidade em relação ao novo e ao diferente (Rolim & Wendling, 2013; Féres-Carneiro & Neto, 2010).

É possível perceber nos relatos dos participantes as suas perspectivas de sujeitos com relação a novos relacionamentos, já existentes ou não. Nesse sentido, os discursos apontam para expectativas de melhores vivências, apoiando-se nas experiências adquiridas da relação anterior, que determinam o que esperam e desejam de uma nova união. Assim, a conjugalidade aparece como uma tentativa de encontro de felicidade e conforto, como abordam Rolim e Wendling (2013), considerando que os fatores que influenciam na construção de vínculos do casal são as afinidades e diferenças culturais e a história que cada um carrega consigo. Partindo dos discursos, pode-se considerar que tais experiências podem influenciar nas suas próprias percepções de relacionamento, bem como no tipo de relação que terão no futuro, mais maduros.

A classe 3, por sua vez, fornece subsídios acerca das discussões de *gênero* na sociedade em torno da separação, trazendo à tona os estigmas vivenciados por pessoas separadas, o que influencia diretamente em como representam diferentes esse processo os homens e mulheres que se separam. Dentre as palavras que caracterizam esta representação estão “mulher”, “homem”, “diferença”, “existir”, “sociedade”, “difícil”, “preconceito” e “machista” como evidenciam os relatos a seguir:

A nossa sociedade é uma sociedade muito machista e isso vai aparecer sim na questão de gênero entre homem separado e mulher separada. (Ulisses, 47 anos, casado).

Existe uma carga de peso mais pra mulher, principalmente quando a mulher tem filhos. Eu percebo que a mulher, muitas vezes, independente de quem pediu, eu acho que o sofrimento feminino é maior (Karlos, 37 anos, casado).

Os homens acham que porque você está separada, você está disponível, você está procurando homem. (Irene, 40 anos, divorciada).

Sempre o que não pede a separação é o que mais sofre. Como eu já vi os dois casos, de um homem que era muito apaixonado pela mulher, louco pela mulher e não segurou a onda quando a mulher pediu a separação, então pra mim é igual o sofrimento. (Walter, 43 anos, solteiro).

Ante o exposto, é notável no discurso dos participantes a representação de uma sociedade machista frente à separação, considerando também que o seu preconceito recai principalmente sobre a mulher, sobretudo pela responsabilidade com os filhos. Como sugerem Schneebeli e Menandro (2014), à mulher cabe as funções e responsabilidades inerentes à vida doméstica, entre as quais os cuidados dos filhos, e ao homem as funções e responsabilidades inerentes à vida profissional: trabalho, sucesso e obtenção de recursos financeiros para manter a família.

Outro aspecto percebido referiu-se à vivência da separação. Alguns acreditavam no fato de que a mulher possivelmente sofra mais com o fim da união, ainda atrelando à responsabilidade desta com a prole. Outros, no entanto, referiam que o nível de sofrimento varia de acordo com quem pediu a separação: quem toma a iniciativa do rompimento, possivelmente já esteja preparado emocionalmente para o acontecimento, implicando em menor sofrimento. Por outro lado, o cônjuge que é surpreendido com a decisão do fim do matrimônio provavelmente sinta mais a dor nessa condição, conforme colocado por muitos dos participantes.

Observou-se que em 53,85% dos casos foi a mulher quem decidiu pela separação; em 34,62%, o homem, sendo 11,54% de decisão em comum acordo pelo casal. No que tange às reverberações para o indivíduo, esses dados corroboram com a ideia de que a maioria das separações é solicitada por mulheres, e talvez isso explique o porquê de elas apresentarem-se mais aptas a seguirem em frente após uma separação. Os homens, por sua vez, tendem a perceber o casamento associado à constituição de família, de modo que a vivência da

separação costuma ser um processo imerso em maiores níveis de sofrimento, pois nesses casos, representa não apenas a dissolução da conjugalidade, mas também da família (Zordan, 2010; Rolim & Wendling, 2013).

O fato de as mulheres solicitarem mais separação e divórcio tem sido associado, entre outros acontecimentos, ao aumento das tensões do casal, que muitas vezes estão ligados à mudança de expectativas em relação ao casamento, bem como a diferença destas entre os membros da união matrimonial, além da diversidade e mudanças nos papéis exercidos por eles (Valdez & Ferreira, 2016).

Sobre os efeitos do divórcio, fatores de risco e as diferenças por gênero, apesar de aparentemente a iniciativa da separação partir mais das mulheres, Cabrera et al. (2017) apontam que elas sofrem maiores consequências econômicas, pois percebem que seu padrão de vida diminuiu, o que parece estar relacionado a histórias de trabalho geralmente descontínua, maior conflito entre o trabalho e a família e a discriminação trabalhista e salarial.

Preocupações e Mudanças pós separação

A classe 1 demonstra as mudanças que ocorreram em suas vidas com a separação, bem como as preocupações que permeiam esse processo. O conteúdo dessa classe apresenta algumas palavras que exemplificam o seu teor: “casa”, “trabalhar”, “sair”, “chegar”, “viajar”, “morar”, “sozinho”, “dormir” e “voltar”. É necessário, a partir da sua análise, compreender o modo como os indivíduos lidam com as perdas, dificuldades e mudanças advindas da união desfeita. Preocupações como moradia, filhos e questões financeiras, traduzidas na necessidade de trabalhar mais para conseguir manter o padrão de vida que havia com o casamento, sobretudo para a mulher, tornam-se frequentes, o que pode influenciar nas atitudes, como pode-se observar nos trechos a seguir:

Eu vou procurar uma casa, se eu não tiver condições de pagar uma casa, a gente vai morar nem que seja num quartinho. Eu me preocupava dos meus filhos ficarem com vergonha e não quererem ir [...] A minha preocupação era uma moradia, que eu queria ter uma casa, mas graças à Deus, consegui (Neide, 54 anos, separada)

Ele queria tomar a metade, uma casa que não dava pra comprar duas, os dois iam ficar sem casa porque se vendesse e dividisse não dava pra comprar cada um uma casa [...] Teve um desgaste muito grande, muita confusão, muita briga, porque ele botou na justiça pra tomar a casa que eu morava e aí teve aquelas confusões todas (Renata, 40 anos, divorciada)

A que mora fora já trabalha e praticamente se sustenta, eu ajudo ela muito pouco, mas a que faz nutrição depende de mim pra tudo - fazendo referência às filhas - Deus me livre e guarde ficar desempregada! (Simone, 46, divorciada)

Inclusive não quis nem a coisa de 'vamos dividir casa, vender'. Deixei tudo! Deixei carro, deixei casa, deixei e assumi as responsabilidades de pai. (Túlio, 51 anos, união estável)

Sobre estes aspectos, Rolim e Wendling (2013) sugerem que, mesmo a separação sendo um fato cada vez mais comum, isso não a isenta de ser uma interrupção no ciclo de vida familiar, levando a transformações associadas a mudanças, perdas e ganhos, tanto para os cônjuges quanto para o grupo familiar como um todo.

Alguns estudos distinguem os motivos que levam ao divórcio. Entre eles estão as questões relacionais, problemas comportamentais e sobre o trabalho e a divisão do mesmo. Além disso, são observadas três tendências importantes: a normalização do divórcio, a psicologização dos relacionamentos e a emancipação das mulheres (Martins, 2010).

No que diz respeito a teorias explicativas do que causa o divórcio, Martins (2010) elucida que durante muitos anos assumiu-se que o stress era o elemento primordial para a dissolução, surgindo as hipóteses de que os problemas conjugais e a dissolução emergem a partir da combinação de fatores como vulnerabilidades duradouras (traços de personalidade como neuroticismo e família de origem turbulenta); eventos estressantes e baixos níveis de processos adaptativos (incapacidade de empatia e apoio do parceiro, hostilidade e poucas habilidades de resolução de problemas).

Nesse sentido, o discurso dos participantes aponta para o surgimento dos conflitos no casamento e a separação como a solução para este problema. Interessante notar que a separação foi representada também como possibilitadora de bem-estar pessoal e familiar, após o fim de um relacionamento que não mais era prazeroso.

Eu acho que quando a casa não passa a ser um lugar agradável pra você, é um ambiente mais de conflito e não lhe dá vontade de voltar pra casa, é a hora de separar. (Eduardo, 53 anos, separado)

Não foi assim com agressão, era verbalmente. Aquilo já tava incomodando muito meus filhos. Hoje, graças à Deus depois disso eu vivo numa paz, não tem briga, não tem mais confusão na minha casa. (Neide, 54 anos, separada)

Hoje eu não me preocupo se ele vai bater o carro, se ele tá tomando cachaça, se ele vai chegar bêbado em casa. Não me preocupo mais com isso. Hoje eu faço comida se eu quiser. (Simone, 46, divorciada)

Eu me sinto muito confortável de chegar em casa e me jogar no sofá, e o controle remoto ser só pra mim, dormir com a minha cama cheia de travesseiro. (Hilda, 40 anos, solteira)

Eu sinto liberdade, eu tô rouca porque no final de semana viajei, cheguei, me cansei, eu me cuido melhor hoje. (Fernanda, 50 anos, divorciada)

Diante o exposto, é notável que o discurso dos participantes aponta para aspectos positivos relacionados ao rompimento do vínculo matrimonial, fazendo referência à maior liberdade, ausência de conflitos e de preocupações com o outro, no sentido de se sentir à vontade para atender às suas próprias necessidades e se colocar em primeiro lugar frente às prioridades e cuidados consigo mesmo.

Se em um determinado momento, a dissolução do matrimônio envolvia os cônjuges em preocupações com as repercussões para os filhos e grupos familiares, Zordan (2010) aponta que, hoje em dia, percebe-se uma conduta pautada na autonomia e individualidade que preconiza a satisfação pessoal. Assim, cada vez mais a separação ocorre como solução para os conflitos oriundos da conjugalidade (Rolim & Wendling 2013).

Desse modo, verifica-se que o rompimento do vínculo pode representar possibilidades de crescimento e evolução, como afirma Rolim e Wendling (2013), partindo da premissa de que as vezes a separação é salutar, uma vez que a relação conjugal deve satisfazer certas necessidades e que a patologia nasce quando as necessidades não são satisfeitas reciprocamente ou são imaturas. Problematiza que a área da psicologia tem estudado exaustivamente a patologia relacionada ao casamento. Entretanto, considera que ainda há pouco conhecimento sobre o que um casamento funcional pode realizar de positivo e de fato realiza.

CONCLUSÕES

Os resultados desse estudo evidenciaram a forma como os sujeitos vivenciam e representam a separação, apontando para as suas diversas repercussões de acordo com as particularidades de cada relação e pessoa. As representações sociais da separação e divórcio ancoram-se na ideia de que, a depender de como são vivenciadas essas experiências e das

relações que são construídas ao longo do tempo, pode apresentar elementos de contribuições, bem como de desvantagens ao núcleo pessoal e familiar.

Observa-se no panorama atual um contexto de constantes e rápidas mudanças, que influenciam diretamente na vida dos sujeitos e, conseqüentemente, na construção e vivência dos laços afetivos, levando à paradoxal dualidade entre compromisso e liberdade, valores tradicionais e contemporâneos, “amor eterno” e separação por conflitos.

A dissolução dos vínculos conjugais implica na reconstrução de suas identidades, muitas vezes até na mudança documental, e apresenta repercussões diversas na vida da pessoa separada, afetando-a em relação aos sistemas e contextos nos quais estava inserida, direta ou indiretamente, seja nas relações familiares, com os filhos, de amizade ou de trabalho, das mais variadas formas.

Os resultados também corroboram com a literatura, apontando que a iniciativa de dissolução do vínculo matrimonial parte da mulher, na maioria dos casos, e as representações sociais sugerem uma possível diferença da vivência da separação por homens e mulheres, o que indicam a necessidade da realização de estudos que investiguem essa questão separadamente, fazendo uma discussão de gênero.

Por outro lado, existe certa resistência da sociedade em aceitar essa condição de mulher, repercutindo também na representação de mulher separada, que acaba por sofrer maior preconceito se comparada ao homem. Além disso, ainda é muito marcante a ideia de maternidade, de modo que na grande maioria das vezes, as responsabilidades parentais recaem sobre a mulher, ainda que seja observado o aumento do interesse paterno na divisão de tarefas e cuidados com os filhos.

Nesse contexto, a aplicação da TRS nos estudos sobre o divórcio permite ampliar a compreensão sobre as pessoas, seus afetos e seus processos de conhecer e agir frente ao mundo, unindo o sujeito ao objeto, o pensamento à ação, a razão à emoção, o individual ao coletivo; logo, estudar a dissolução conjugal pela via das representações sociais abre inúmeras possibilidades de compreensão não somente das ações dos sujeitos no âmbito da separação, mas dos sentidos que eles atribuem a essas ações em face dos contextos em que elas são produzidas, justificando suas opções frente às realidades que se lhes apresentam.

Por isso, entende-se que as RS alimentam as práticas que, por sua vez, expressam as representações e também conduzem a sua formação, numa relação de reciprocidade. No mundo atual em que se vive em sociedade em movimento, com constantes transformações,

avolumam-se as possibilidades de aplicação da TRS, no estudo de fenômenos típicos da cultura da informação, na feição singular de cada grupo, nas diversas tribos da contemporaneidade (Ferreira, 2016).

Especialmente no campo das ciências humanas e sociais, a Teoria nos auxilia no entendimento do entrecruzamento de saberes científicos com os saberes tradicionais, no desvendar do mosaico formado pela teia de significados e de valores socialmente partilhados.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cabrera-García, V., Casas, K., Pardo, S. & Rodríguez, D. (2017). *Análisis de la resiliencia en personas divorciadas, según su nivel educativo e ingresos económicos*. *Psicogente*, 20(37) 2017, 160-171. <http://doi.org/10.17081/psico.20.37.2425>
- Cabrera, V., Docal, M., Muñoz, D. & Olaya, J. (2015). *El divorcio ¿fracaso u oportunidad?* Bogotá: Universidad de la Sabana.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). *O Afastamento Paterno após o Fim do Relacionamento Amoroso: Um Estudo Qualitativo*. *Interação Em Psicologia*, 17(1). <https://doi.org/10.5380/psi.v17i1.27560>
- Cunico, S. D., Arpini, D. M., Cunico, S. D., & Arpini, D. M. (2014). *Conjugalidade e Parentalidade na Perspectiva de Mulheres Chefes de Família*. *Psicologia Em Estudo*, 19(4), 693–703. <https://doi.org/10.1590/1413-73722418811>
- Dolto, F. (2011). *Quando os pais se separam* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1989).
- Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2010). *Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais*. *Paidéia*, 20(46),269-278
- Fernandes, J. S. G.; Costa, B. H. R.; & Andrade, M. S. (2017). *Representações Sociais de Idosos Sobre Família*. *Ciencias Psicológicas*; 11 (1). pp. 41 - 48doi: 10.22235/cp.v11i2.1345
- Ferreira, M. A. (2016). *Teoria das Representações Sociais e Contribuições para as Pesquisas do Cuidado em Saúde e de Enfermagem*. Escola Anna Nery Esc Anna Nery, 2020(22),

- 214–219. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160028>
- [IBGE] Estatísticas Do Registro Civil 2015 (2016). Rio de Janeiro, v. 42, pp.1- 60, 2015. Recuperado em agosto, 2017, de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2015_v42.pdf. Acesso em: setembro de 2017
- Kronberger, Nicole y Wolfgang Wagner. (2002). *Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. Em Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, org. Martin W. Bauer y George Gaskell, 416-441. Petrópolis: Vozes.
- Lamela, D.; Figueiredo, B. & Bastos, A. (2013). *Perfis de vinculação, coparentalidade e ajustamento familiar em pais recém-divorciados: diferenças no ajustamento psicológico*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol.26. n.1. Porto Alegre.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). *Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica*. Psicologia em Estudo, 15, 205-216.
- Plunkett, M. (2014). *World's 10 Most Divorced Nations*. The Richest.. Disponível em < <https://www.therichest.com/rich-list/world/worlds-10-most-divorced-nations/>> Acesso em dezembro de 2017.
- Martins, A. I. R. (2010). *Impacto do Divórcio Parental no Comportamento dos Filhos. Factores que Contribuem para uma Melhor Implicações Médico-Legais*. Retrieved from [https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26364/2/Tese de Mestrado Ana Martins.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26364/2/Tese%20de%20Mestrado%20Ana%20Martins.pdf)
- Moscovici, S. (2012). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. (7ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Myers, D (2015). *Psicologia Social*. Porto Alegre: AMGH. 10ª Ed.
- Pereira, R. C. (2011). *Divórcio – teoria e prática*. Rio de Janeiro: GZ.
- Portal Brasil (2015). *Em 10 anos, taxa de divórcios cresce mais de 160% no País*. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>> Acesso em: 01 de mai de 2016
- Ratinaud P. (2009). *IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]*. Disponível em: <http://www.iramuteq.org>
- Rolim, K. I; Wendling, M. I (2013). *A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade*. Rio De Janeiro: Psicologia Clínica, vol. 25, núm. 2, pp.

165-180.

- Romaro, R. A., & Oliveira, P. E. C. L. (2008). *Identificação das queixas de adultos separados atendidos em uma clínica-escola de psicologia*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2008, 28 (4), pp. 780-793.
- Schneebeli, F. C. F., & Menandro, M. C. S. (2014). *Com quem as crianças ficarão? Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal*. *Psicologia e Sociedade*. vol.26 no.1 Belo Horizonte Jan./Apr.
- Valdez, B. M. T, Ribeiro-Ferreira, M., Tamez-Valdez, B. M., & Ribeiro-Ferreira, M. (2016). *El divorcio, indicador de transformación social y familiar con impacto diferencial entre los sexos: estudio realizado en Nuevo León*. *Papeles de Población*, 22(90), 229–262. <https://doi.org/10.22185/24487147.2016.90.040>
- Viegas, P. C; Ramires, V. R. R (2012). *Pré-adolescentes em psicoterapia: capacidade de mentalização e divórcio altamente conflitivo dos pais*. *Campinas: Estud. psicol.* vol.29 supl.1 Campinas Out./Dez.
- Zordan, E. P. (2010). *A separação conjugal na contemporaneidade: motivos circunstâncias e contextos*. (Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).
- Zordan, E. P.; Wagner, A.; & Mosmann, C. (2012). *O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais*. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 17, n. 2, p. 185-194, mai./ago.

Acabou, e Agora? Estratégias de Enfrentamento à Separação e Divórcio: um estudo de representações sociais

RESUMO: O número de separações e divórcios têm aumentado significativamente no Brasil e no mundo, sendo observável que as interações, processos e conflitos que ocorrem no grupo familiar também podem afetar negativamente o desenvolvimento de seus membros. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo identificar as estratégias de enfrentamento e expectativas de futuro após a separação ou divórcio para homens e mulheres que passaram pela experiência. Trata-se de pesquisa qualitativa guiada pela Teoria das Representações Sociais (TRS), realizada com 15 homens e 15 mulheres com idades entre 25 e 54 anos, residentes nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. O material produzido durante as entrevistas foi separado por sexo e deu origem a dois corpus, analisados pelo software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2, agrupando as palavras com maior ocorrência e organizando-as graficamente em função da sua frequência, sendo apresentadas pela nuvem de palavras. O estudo das representações sociais mostrou os sentimentos (negativos e positivos), fragilidades, preocupações, desejos e superação no pós-divórcio. As mulheres representaram a separação através da palavra “querer”, ancoradas nas expectativas de vida frente à separação, enquanto que a palavra “gente” teve maior incidência no relato dos homens, refletindo as preocupações pessoais com relação ao divórcio e também as estratégias construídas para elaborar internamente as dificuldades enfrentadas. A efetivação deste trabalho pela Teoria das Representações Sociais permitiu aprofundar, através dos métodos de análise adotados, os elementos coadjuvantes das representações e das estratégias de enfrentamento para homens e mulheres frente ao divórcio, possibilitando compreender as concepções que trafegam no vivenciar do processo pós-separação e o seu impacto na vida dessas pessoas.

Palavras-chave: Divórcio, Separação Conjugal, Representações Sociais, Gênero, Família

It's over, and now? Strategies for Confronting Separation and Divorce: a study of social representations

ABSTRACT: The number of separations and divorces has increased significantly in Brazil and in the world, being that the interactions, processes and conflicts that occur in the family group can also negatively affect the development of its members. In this sense, the present

study aimed to identify coping strategies and expectations of the future after separation or divorce for men and women who have passed through the experience. It is a qualitative research guided by the Theory of Social Representations (TRS), conducted with 15 men and 15 women aged 25 to 54 years, living in the cities of Petrolina-PE and Juazeiro-BA. The material produced during the interviews was separated by sex and gave rise to two corpus, analyzed by the software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2, grouping the words with greater occurrence and organizing them graphically according to their frequency, being presented by the word cloud. The study of social representations showed the feelings (negative and positive), fragilities, worries, desires and overcoming in the post-divorce. Women represented separation through the word "wanting", anchored in life expectancies in the face of separation, while the word "people" had a greater impact on men's accounts, reflecting personal concerns about divorce, as well as strategies built for internally the difficulties faced. The effectiveness of this work through the Theory of Social Representations allowed us to deepen, through the methods of analysis adopted, the supporting elements of representations and coping strategies for men and women facing divorce, making it possible to understand the conceptions that circulate in the experience of the post-separation process and its impact on the lives of these people.

Keywords: Divorce, Marital Separation, Social Representations, Gender, Family

INTRODUÇÃO

O fenômeno dos conflitos humanos tem sido abordado por diferentes saberes ao longo da história da humanidade. Hoje em dia, os problemas continuam sendo consubstanciais ao cotidiano, mas ainda mais importante é a maneira como eles são confrontados. Uma dessas experiências é o divórcio, que causa impacto profundo na sociedade, na família e nos seus membros (Cabrera-García, Casas, Pardo & Rodriguez, 2017).

É perceptível que o número de separações e divórcios têm aumentado significativamente no Brasil e no mundo. A cada ano, o Canadá e os Estados Unidos registram um divórcio para cada dois casamentos. Quando as barreiras econômicas e sociais para se divorciar diminuíram nos anos de 1960 e 1970, em parte, graças ao aumento do emprego das mulheres, os índices de divórcio aumentaram. Tais índices têm variado muito

por país, de modo que, para entendê-los, pode ser útil conhecer os seus valores culturais. Sobre este aspecto, Myers (2014) sugere que culturas individualistas, em que o amor é um sentimento e as pessoas o valorizam, têm mais divórcios do que culturas coletivistas, em que o amor implica obrigação e as pessoas preocupam-se mais com o que os outros podem dizer (Viegas e Ramires, 2012; Myers, 2014).

A partir do momento em que os conflitos entre cônjuges se tornam frequentes e difíceis de resolver, o divórcio é considerado como uma alternativa, entrando em jogo fatores-chave para a resolução e restauração da vida das pessoas (Cabrera-García et al., 2017; Jiménez, Amaris & Vale, 2012). Embora os seres humanos tenham capacidade para superar as desventuras em situações desfavoráveis, as dificuldades são melhor abordadas com níveis adequados de resiliência, que é considerada como a capacidade humana universal para enfrentar e superar as adversidades da vida, ou mesmo ser positivamente transformados por elas (Gómez, 2010).

As interações, processos e conflitos que ocorrem dentro do grupo familiar também podem afetar negativamente o desenvolvimento de seus membros, especialmente quando não conseguem encontrar a funcionalidade positiva de estabilidade e realização pessoal nesse contexto, tornando-a uma fonte de problemas e, algumas vezes, traumas psicológicos (Gómez, Del Rey, Casas & Ortega-Ruiz, 2014)

Alguns estudos identificaram que tristeza, angústia, depressão, consumo de álcool e problemas de saúde subsistem em torno de dois ou três anos após a separação, fazendo parte do modelo de crise temporário. No entanto, é importante considerar que a gravidade e a duração dos efeitos do divórcio variam de pessoa para pessoa, dependendo da presença de uma variedade de fatores de proteção (Cabrera et al., 2017).

A nível conceitual e metodológico, o enfrentamento é interpretado como uma variável de caráter, seja mediador ou moderador, que modifica os efeitos desestabilizadores do estresse. O conceito envolve todos os recursos e mecanismos biopsicopedagógicos que o sujeito ativa em uma situação que gera desconforto e tensão. Uma vez que o conceito de enfrentamento foi introduzido no campo da psicologia, numerosos estudos se concentraram em sua relação com a saúde mental (Jiménez et al., 2012).

Segundo os autores, o enfrentamento faz parte dos recursos psicológicos de qualquer indivíduo e é uma das variáveis pessoais declaradas como intervenientes ou participantes nos níveis de qualidade de vida, aos quais é atribuído grande valor e importância na pesquisa sobre o bem-estar psicológico. Eles revelaram a complexidade e importância do seu papel para entender os ajustes do indivíduo em seu meio ambiente e para perceber níveis positivos e/ou negativos em relação à qualidade de vida

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo identificar as estratégias de enfrentamento e expectativas de futuro após a separação para homens e mulheres que passaram pela experiência da separação ou divórcio, verificando como percebem esse processo e as estratégias de enfrentamento utilizadas frente às transformações, avaliando assim, os seus níveis de resiliência.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa qualitativa guiada pela Teoria das Representações Sociais (TRS), uma forma de conhecimento socialmente organizado e compartilhado, que possibilita ao investigador recolher a interpretação dos próprios participantes acerca da realidade que se pretende estudar, permitindo compreender atitudes e comportamentos de um grupo social (Silva, Camargo & Padilha, 2011).

Participantes

Participaram deste estudo 15 homens e 15 mulheres com idades entre 25 e 54 anos, residentes nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, que passaram pelo processo de separação ou divórcio e concederam anuência para participação na pesquisa, identificados por meio do critério bola de neve.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada individualmente, por meio de entrevista, em um único encontro com cada um dos participantes, com horário e local combinados com os mesmos e que garantisse a sua privacidade. Houve aplicação de formulário estruturado, versando sobre questões para caracterização da amostra quanto aos dados sociodemográficos, além de entrevista semiestruturada, que abordava sobre a temática no que tange às representações sociais e estratégias de enfrentamento em torno do processo de separação e/ou divórcio. O conteúdo foi gravado em aparelho de áudio, com posterior transcrição e o consentimento do entrevistado. O aceite de participação foi documentado mediante a assinatura do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando os aspectos éticos conforme a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Cada participante será identificado por nomes fictícios, garantindo o anonimato. É válido destacar que a coleta só foi iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da UNIVASF (Protocolo CAAE - 57399416.3.0000.5196).

Procedimentos de análise dos dados

O material produzido durante as entrevistas foi separado por sexo e deu origem a dois corpus, que foram analisados separadamente pela técnica da Classificação Hierárquica Descendente, tratados pela análise de conteúdo informatizada através do sistema de análise quantitativo de dados textuais, o software IRaMuTeQ 0.7 alpha 2 (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires).

O programa analisa a co-ocorrência das palavras nos segmentos de texto, organizando e dividindo-os em classes, como explicam Fernandes, Costa e Andrade (2017). Com base nesse teste, o programa agrupa as palavras com maior ocorrência e as organiza graficamente em função da sua frequência, sendo apresentada pela nuvem de palavras. Assim, através da análise lexicográfica, apresenta contextos caracterizados pelo vocabulário compartilhado pelos participantes, identificando seu campo comum e a associação léxica com o contexto, traduzindo a mensagem, uma vez que o programa apresenta também os trechos de discursos em que as palavras agrupadas foram ditas.

O relatório gerado pelo IRaMuTeQ classificou como relevante 80,72% do material referente às respostas do sexo feminino e 71,70% do masculino. Kronberger e Wolfgang (2002) afirmam que para garantir a estabilidade dos resultados, é aceitável a classificação de, pelo menos, 70% das unidades de texto. Os processos de agrupamento de palavras em nuvens serão apresentados adiante e analisados de acordo com os sentidos elaborados para a representação das estratégias de enfrentamento apresentadas pelos participantes da pesquisa e suas expectativas de futuro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A média de idade das participantes do sexo feminino foi de 42,53 anos, variando de 26 a 54 anos e de 42,1 anos para o sexo masculino, variando de 25 a 53 anos. Com relação ao estado civil atual, nenhuma delas se autodeclarou casada ou em união estável. Enquanto isso, 33,34% dos homens se declararam casados ou em união estável. A renda média familiar das

mulheres foi de 2 a 5 salários mínimos, tendo os homens renda maior (5 a 10 salários). Quanto à escolaridade, a maioria dos entrevistados possuía nível superior (66,7% das mulheres e 93,33% dos homens). Nenhum dos participantes se declarou desempregado, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Perfil sociográfico dos participantes. N=30.

<i>Características dos participantes</i>	<i>Mulheres</i> <i>(Média)</i>	<i>n(15)</i>	<i>Homens</i> <i>(Média)</i>	<i>n(15)</i>
<i>Idade</i>	42,53	26-54	42,1%	25-53
<i>Duração social do matrimônio</i>	11,4	1-29	9,6	2-20
<i>Tempo transcorrido desde o divórcio</i>	7,38	0,7-19	6,63	1-21
<i>Religião</i>				
Católica	73,33%	11	46,67%	7
Espírita	6,67%	1	6,67%	1
Evangélica	13,33%	2	6,67%	1
Sem religião	6,67%	1	33,33%	5
Outra (Cristã)	0%	0	6,67%	1
<i>Estado civil no momento do estudo</i>				
Solteiro(a)	20%	3	20%	3
Casado(a)	0%	0	26,67%	4
Divorciado(a)	60%	9	20%	3
Separado(a)	20%	3	26,67%	4
União estável	0%	0	6,67%	1
<i>Renda média Familiar (em salários mínimos – R\$937,00)</i>				
Até 1	6,67%	1	0%	0
De 1 a 2	20%	3	6,67%	1
De 2 a 5	33,33%	5	6,67%	1
De 5 a 10	26,67%	4	26,67%	4
Acima de 10	13,33%	2	60%	9
<i>Escolaridade</i>				
Médio	26,67%	4	0%	0
Superior incompleto	6,67%	1	6,67%	1
Superior	66,67%	10	93,33%	14
<i>Tipo de relação vivenciada</i>				
União estável	13,3%	2	26,67%	4
Casamento	86,7%	13	73,33%	11
<i>Tipo de término da relação</i>				
Separação	33,33%	5	60%	9
Divórcio	66,67%	10	40%	6
<i>Filhos</i>				
Sim	80%	12	93,33%	14
Não	20%	3	6,67%	1

Fonte: elaborada pelas autoras.

O primeiro corpus analisado referiu-se aos dados produzidos pelas mulheres e foi repartido em 389 segmentos de texto (contexto de enunciação da palavra), que continham 1971 palavras que ocorreram 13290 vezes, com uma frequência média de ocorrência de 7.71% por palavra e uma frequência média de 51.95% de ocorrência por segmento de texto. A análise da Classificação Hierárquica Descendente considerou 80,72% dos segmentos de textos, aproveitamento que indica boa consistência e adequação do conteúdo submetido para análise. Após a redução dos vocábulos às suas raízes obtiveram-se 1279 lematizações (presença simultânea de dois ou mais itens lexicais na mesma área), que resultou em 985 palavras analisáveis e 287 palavras suplementares.

Já o corpus das entrevistas realizadas com os homens foi repartido em 311 segmentos de texto, sendo 1763 palavras que ocorreram 10784 vezes, com uma frequência média de ocorrência de 8.7% por palavra e uma frequência média de 53.2% de ocorrência por segmento de texto. A análise da Classificação Hierárquica Descendente considerou 71,70% dos segmentos de textos, aproveitamento que também indica boa consistência e adequação do conteúdo submetido para análise. Após a redução dos vocábulos às suas raízes obtiveram-se 1163 lematizações que resultou em 925 palavras analisáveis e 231 palavras suplementares.

Nesse sentido, serão apresentadas as relações das palavras que emergiram no discurso dos participantes e foram agrupadas em função da sua frequência, com a representação das nuvens de palavras conforme as figuras 1 (representações femininas) e 2 (representações masculinas). A análise dos dados foi realizada separadamente, sendo apresentados primeiramente os resultados referentes ao público feminino para, em seguida, expor o masculino.

Representações sociais de mulheres, expectativas de futuro e estratégias de enfrentamento à separação

Pelo método de nuvem de palavras, o termo “querer” foi o que teve maior frequência no corpus (106 vezes), seguida das palavras “coisa” (90 vezes), “dizer” (84 vezes), “achar” (82 vezes), “ficar” (75 vezes), “gente” (73 vezes), “pessoa” (72 vezes), “vida” (64 vezes), “filho” (63 vezes) e “só” (60 vezes), como pode ser observado na Figura 1 a seguir.

[...]eu só queria me divorciar, eu só pensava nisso, preciso me divorciar. Hoje minha expectativa mudou totalmente, porque eu quero hoje qualidade de vida, cuidar de mim, fazer minhas viagens, conhecer o mundo (Fernanda, 50 anos, divorciada).

[...] eu quero viver sem expectativa, eu não quero ficar focada nisso de encontrar outra pessoa, a minha expectativa de futuro hoje é meu filho se formar (Hilda, 40 anos, solteira).

[...] a gente sempre quer fazer o mestrado, quer fazer um doutorado, isso eu sempre tive na minha cabeça, a questão de crescer independente, hoje a minha expectativa é só essa de não ficar só (Gleice, 41 anos, divorciada).

Um estudo realizado por Valdez e Ferreira (2016) verificou duas hipóteses relacionadas ao nível de autonomia e bem-estar percebido pelas mulheres após o divórcio, sendo possível observar que há, de fato, uma mudança estatisticamente significativa entre o nível de autonomia e bem-estar ao comparar os momentos antes e após o divórcio.

De acordo com Cabrera et al. (2017), um nível educacional superior pode promover habilidades cognitivas que tendem a melhor adaptação ao meio ambiente e, portanto, à capacidade de enfrentar situações adversas que ele fornece. Nesse sentido, as pessoas divorciadas poderiam desenvolver habilidades sociais e ter suporte social para lidar com o processo de separação e até serem transformadas positivamente para isso. Segundo estes autores, os sentimentos de felicidade estariam associados ao desenvolvimento da autonomia (liberdade de acesso aos recursos e na tomada de decisões) após o divórcio, bem como com a maior escolaridade das mulheres.

Destarte, os dados obtidos nesse estudo podem ser reflexo da escolaridade das participantes envolvidas na pesquisa, que possuem, em sua maioria, nível superior completo. Contudo, vale ressaltar que o nível de escolaridade pode ser relacionado, em alguns casos, ao processo de luto e separação que a mulher enfrenta ao pensar em divórcio, constituindo uma estratégia de enfrentamento caracterizada principalmente pelo aumento de recursos financeiros, tanto com relação a sua autonomia quanto aos recursos materiais e capacidade para resolver os problemas decorrentes da separação, colaborando para a manutenção de suas necessidades e de seus filhos (Valdez & Ferreira, 2016). Este posicionamento pode ser verificado nos discursos a seguir:

[...]arranjei emprego que eu tava desempregada pra não tá dependendo dos outros (Lara, 37 anos, separada)

[...]Jeu pensava em trabalhar e depois, quando eu arrumei o emprego, eu vi que a condição era pouca e eu comecei a estudar pra melhorar de vida (Anyelle, 42 anos, divorciada).

[...]Jeu não tenho muitos planos futuros não, é tanto que quando eu me divorciei eu queria ocupar minha mente uma das estratégias que eu utilizei voltando à pergunta anterior era estudar ocupar a mente e isso me ajudou muito (Quele, 39 anos, solteira)

[...]Jeu ocupei minha mente de muitas formas, inclusive fiz inscrição no enem, cursinho pré-vestibular, depois eu parei e disse, peraí eu tenho dois cursos superior, tenho minha aposentadoria garantida que diabo eu vou fazer? (Carla, 47 anos, divorciada)

Diante desses relatos, é possível perceber que o fator estudo foi utilizado como uma estratégia de enfrentamento à separação, no sentido de “ocupar a mente” em uma tentativa de distração, bem como para melhorar as condições financeiras e de manutenção da família.

As estratégias de enfrentamento referem-se a esforços cognitivos e comportamentais desenvolvidos para modificar as demandas intrínsecas ou os problemas que as pessoas enfrentam para, por um lado, proteger-se e evitar as consequências negativas e, por outro lado, modificar a situação de tensão e dificuldade. No entanto, a definição do tipo de estratégia de enfrentamento a ser selecionada é estabelecida pelos efeitos de cada situação e os resultados em longo prazo. O modo de enfrentamento de um indivíduo é determinado pelos recursos disponíveis, pelas crenças existentes, os compromissos que tem como propriedade motivacional, os recursos para resolver problemas, habilidades sociais, apoio social e recursos materiais (Jiménez *et al.*, 2012).

Ante o exposto, é possível identificar, de acordo com os relatos analisados, algumas outras estratégias de enfrentamento que foram utilizadas, além da prática de estudos:

[...]tentar formar uma rede social que eu não tinha, buscar novos amigos e amigas, frequentar lugares que eu não frequentava antes, ir à festas que eu não ia também, então eu passei a fazer isso (Carla, 47 anos, divorciada).

[...]não foi pra superar o processo de separação, foi mais na questão de mudar o foco em busca de um outro companheiro, eu fiz muito

isso, mas no sentido de encontrar alguém porque eu não gosto de estar só (Irene, 40 anos, divorciada)

[...]Jeu faço terapia há muito tempo, desde a primeira separação eu faço terapia, porque todas as duas foram muito complicadas a primeira especialmente (Hilda, 40 anos, solteira).

[...]foi deus, a estratégia foi isso, a religião só. Eu queria ter uma vida melhor, eu não queria mais pensar na vida anterior, de briga, eu queria uma paz (Lara, 37 anos, separada).

A esse respeito, foi possível perceber que as estratégias de enfrentamento estão voltadas para aspectos internos, buscando uma melhor qualidade de vida. No entanto, muitas vezes são encontradas em relações externas. De acordo com Jiménez et al. (2012), as estratégias de enfrentamento são classificadas como internas e externas. As internas são aquelas que o indivíduo usa para enfrentar as dificuldades, tomando os recursos existentes dentro de si mesmo: o primeiro deles é a reestruturação - capacidade de redefinir experiências estressantes de maneiras mais aceitáveis e gerenciáveis. Desse modo, a pessoa muda seu ponto de vista graças à confiança em sua capacidade de lidar com problemas. O segundo está ligado à avaliação passiva - refere-se aos comportamentos menos ativos que uma pessoa poderia exibir diante do estresse, tratando-se da intenção de evitar problemas e a manifestação de uma atitude pessimista.

Já as estratégias externas referem-se aos comportamentos dos sujeitos visando à obtenção de recursos de fontes externas a ele: a obtenção de suporte social – relacionado à capacidade de usar recursos familiares, amigos e vizinhos; e à busca pelo apoio espiritual - capacidade de se aproximar dos apoios religiosos. Por último, a mobilização para obter e aceitar apoio: capacidade de buscar recursos na comunidade e aceitar ajuda profissional e/ou serviços sociais.

Pode-se observar que as representações expressas foram marcadas pelo desejo de melhor qualidade de vida e bem-estar diante do processo de separação e divórcio. Assim, as Representações Sociais da separação para essas mulheres permeiam-se pelo “querer”; as expectativas de futuro e estratégias de enfrentamento utilizadas ancoram tais representações.

A separação como algo positivo, representada pela sensação de melhor qualidade de vida, vem acompanhada pela expressão “só”. Isso indica que apesar da sensação de liberdade e do aumento da autonomia e do bem-estar, também se tornam mais solitárias, o que explica a necessidade de utilizar estratégias de enfrentamento que minimizem esse sentimento, de modo

[...]então viajei muito com eles (os filhos) pra gente tentar manter essa relação e viver, pra eles verem também que o pai estava ali bem, a vida continuava e eles sempre teriam os dois pais (Walter, 43 anos, solteiro).

[...]a minha preocupação é a gente conseguir sempre chegar em acordo, tipo festinha na escola. Liga pra mim: e aí, vai ou não vai? (Beto, 25 anos, separado).

[...]a estratégia que eu busquei foi mostrar, inclusive pra sociedade, de que eu não estava deixando minha família, que eu continuo dando assistência e as pessoas perceberam que eu permaneci com as minhas obrigações em relação a isso (Tulio, 51 anos, união estável).

[...]a gente separa a gente recomeça outro mundo (Yago, 49 anos, solteiro).

A esse respeito, a literatura aponta que um dos maiores desafios da família separada e com filhos é diferenciar os papéis conjugais dos parentais. Quanto a isto, cumpre observar que não é raro perceber o quanto a conjugalidade e a parentalidade podem se misturar e se confundir para o ex-casal, mesmo após a dissolução do relacionamento conjugal. Isto fica evidente nos casos em que há um afastamento do genitor que não detém a guarda - que geralmente é o homem - por conta dos desentendimentos e atritos que surgem no contato com a ex-companheira (Cúnico & Arpini, 2014; 2013).

É bem verdade que até algum tempo grande parte dos pais (sem guarda), após a separação, não procurava manter contato regular com os filhos. Dessa forma, exerciam papel limitado aqueles que não moram com seus filhos. No entanto, em casos de separação mais recentes, é mais provável que a criança se encontre um número maior de vezes com o pai/mãe que não obtém a guarda (Martins, 2010). Contudo, observa-se em relação ao progenitor não detentor da guarda, que a participação nos trabalhos escolares ou em atividades diárias é praticamente inexistente, restringindo seu contato ao entretenimento, excluindo-se da rotina de cuidados e da educação dos filhos.

Nesse sentido, Martins (2010) aponta que a comunicação entre os genitores costuma ser relatada como curta, indicando que o padrão de cooperação nos cuidados infantis é raro e que muitas vezes essa comunicação é feita através dos filhos, que passam a intermediar o relacionamento dos pais. A comunicação indireta pode indicar uma estratégia para reduzir o desgaste e as discussões entre os adultos. No entanto, quando aumenta o envolvimento do

progenitor não detentor da guarda com os filhos, as reclamações da mãe sobre a pouca responsabilidade ou ausência do pai diminuem consideravelmente.

Outros estudos apontam também que para alguns homens, o divórcio é a oportunidade de se aproximar e participar ativamente na educação dos seus filhos. Dessa forma, constata-se uma certa ambivalência na postura das mães a esse respeito pois, se por um lado exigem maior participação do pai na vida dos filhos, por outro existe uma resistência em deixá-los agir (Martins, 2010). Em muitos casos, a dificuldade de lidar com a separação, assim como o próprio processo de desvincular-se do relacionamento, pode incitar as mães a dificultar o contato entre pais e filhos (Dantas et al., 2004).

Frente ao exposto, é perceptível que parte das preocupações dos homens com relação à separação surge do imaginário social de que, após o divórcio, o homem deixaria de assumir as suas responsabilidades parentais. Sendo assim, o discurso percebido está ancorado na responsabilidade paterna, relacionando-se à tentativa de desconstrução da ideia de ausência do pai tanto para os filhos quanto para a sociedade, de modo geral.

É importante ressaltar que a conjugalidade pode ser dissolvida pela decisão dos adultos em encerrar tal vínculo, porém a parentalidade é indissolúvel, tendo em vista que os laços entre pais, filhos e irmãos devem continuar independentemente da configuração familiar. Destarte, sentimentos de raiva, mágoa e tristeza provenientes do processo de separação conjugal podem dificultar esse processo de diferenciação, que é fundamental para a saúde emocional da família, sobretudo dos filhos, ao passo que, em momentos de divórcio e separação, essas fronteiras precisam ser renegociadas e redefinidas entre o par (Juras & Costa, 2016; 2011; Ziviani et al., 2012).

Sobre este aspecto, Lamela e Figueiredo (2016) discutem a dissolução conjugal enquanto transição de vida familiar marcada por reorganizações estruturais, processuais e socioemocionais, que parecem estar empiricamente associada aos níveis de ajustamento de todos os membros da família. Sugerem, nesse sentido, que a qualidade da interação entre pais após a dissolução conjugal, seja na execução das responsabilidades parentais conjuntas, ou enquanto ex-casal, é um forte preditor da saúde mental e bem-estar psicológico.

Inicialmente, cada adulto deve reconstruir suas fronteiras individuais por meio da elaboração do luto e de sua nova individualidade, para depois vir a estabelecer fronteiras claras com seu ex-cônjuge (Juras & Costa, 2016). Sendo assim, foi possível identificar no

relato dos participantes como percebem esse momento de elaboração do processo de separação e como se sentem diante dessa nova identidade:

[...] os três primeiros meses é ruim, o impacto, você não consegue pensar [...] você não tem noção do que vai ser, [...] é ruim ficar sozinho, nunca fui de ficar sozinho [...] mas tem vantagens e desvantagens, uma vantagem que eu vejo hoje é que eu consigo me organizar bem financeiramente, e isso te dá uma liberdade muito maior [...]. Com o tempo as coisas vão se ajustando e você vê que não é nada daquilo que você tava pensando, não é bicho de sete cabeças, ninguém morre (Diogo, 35 anos, divorciado).

[...] você vai se preocupar com o longo prazo: dias depois ou meses depois. No momento, você quer sair daquela situação, que é muito desconfortável pra você (Xandy, 38 anos, separado).

[...] eu refleti sobre esse processo [...], incorporei, aprendi com dor, mas aprendi. Eu acho que eu reverti isso em experiências de aprendizagem (Ulisses, 47 anos, casado).

A partir dos recortes é possível verificar que aparentemente os homens entrevistados passaram por um processo de luto, com o impacto inicial da separação, superadas com o tempo a partir do enfrentamento, passando a lidar de forma melhor com a situação, levando a crer que as dificuldades são passageiras.

Assim como no relato das mulheres, foram abordadas também no discurso dos homens as estratégias de enfrentamento que contribuíram para a superação das possíveis dificuldades advindas com o processo de divórcio, que estão semelhantemente ancoradas no apoio social, religião, acompanhamento terapêutico, lazer e na arte:

[...]eu já superei isso, mas as ações foram essas, a terapia e eu me tornei espírita por coincidências de sinais de coisas que foram se encaixando no momento da crise do divórcio (Vinicius, 34 anos, divorciado).

[...]a arte a arte é uma coisa fantástica, que é uma terapia maravilhosa, que inclusive cura várias doenças (Yago, 49 anos, solteiro).

[...]eu comecei a fazer tudo o que eu gostava eu ocupava meu tempo com trabalho com esportes com cinema (Walter, 43 anos, solteiro)

[...]eu voltei pra casa de minha mãe, isso eu acho que também me ajudou um pouco (Ulisses, 47 anos, casado)

[...]claro que eu penso lá na frente, penso muito em outra família (Beto, 25 anos, separado).

Outro dado importante encontrado nesta pesquisa foi com relação aos recasamentos. O índice de homens recasados foi de 36,4%, enquanto nenhuma das mulheres entrevistadas se declararam recasada. Esse dado corrobora com pesquisas anteriores que afirmam que os homens recasam-se mais rapidamente do que as mulheres (Féres-Carneiro, 2001, Dantas et al., 2004, Martins, 2010), sugerindo que talvez os homens procurem, através do recasamento, o restabelecimento de uma estrutura familiar.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa permitiu conhecer por meio da lexicografia básica, o vocabulário mais frequente no relato de homens e mulheres que passaram pela separação e/ou divórcio, acerca das estratégias de enfrentamento frente a esses processos. O estudo das representações sociais mostra os sentimentos (negativos e positivos), fragilidades, preocupações, desejos e a superação dos sentimentos negativos (quando existentes) em vários momentos do pós-divórcio. As mulheres representam a separação através da palavra “querer”, que foi a mais frequente, ancoradas nas expectativas de vida frente à separação, enquanto que a palavra “gente” teve maior incidência no relato dos homens, ancorando-se nas preocupações pessoais com relação ao divórcio e também nas estratégias construídas para elaborar internamente as dificuldades enfrentadas.

Ao perceberem-se as representações sociais como algo elaborado socialmente no intuito de construir uma realidade social que desvela o relacionamento com o mundo que se vive, direcionando o comportamento e convívio em sociedade, pode-se observar que as representações expressadas foram marcadas pelo desejo de melhor qualidade de vida para homens e mulheres, partindo da saída de relacionamentos muitas vezes conflituosos, utilizando-se como estratégias para atingir esse objetivo o cuidado com a saúde física, mental e espiritual, além do apoio social.

A efetivação deste trabalho pela Teoria das Representações Sociais permitiu aprofundar, através dos métodos de análise adotados, os elementos coadjuvantes das

representações sociais e das estratégias de enfrentamento para homens e mulheres frente ao divórcio. Apreendeu-se, além do discurso manifesto, as concepções que trafegam no vivenciar desse período pós-separação e o seu impacto na vida dessas pessoas.

Com relação aos dados socioeconômicos, foi possível perceber que os homens possuíam uma renda familiar maior que as mulheres, que pode ter sido afetado pelo índice de recasamentos ou pela desigualdade de gênero que paira ainda na sociedade, onde atribui-se salários maiores aos homens em comparação às mulheres, em muitos casos. Este fator pode também ter influenciado nos resultados da pesquisa, já que as mulheres continuaram a busca pela qualificação profissional tanto como estratégia para “ocupar a mente” quanto para melhorar o rendimento financeiro para a manutenção da família.

Vale ressaltar que o estudo foi realizado com pessoas com nível educacional e econômico razoavelmente favorecido, fator que pode ter interferido nos resultados obtidos. Portanto, sugere-se que sejam realizados novos estudos que abranjam outros extratos da sociedade, num sentido comparativo dos dados.

O software IRAMUTEQ se mostrou uma ferramenta importante para a realização deste estudo, na medida em que evidenciou, no material coletado, o vocabulário representativo das experiências vivenciadas, permitindo um olhar criterioso, qualificando o processo de categorização e, conseqüentemente, dos resultados do estudo, potencializando a pesquisa qualitativa e, portanto, este trabalho contribui também para a divulgação do uso desta ferramenta na análise de dados.

REFERÊNCIAS

- Cabrera-García, V., Casas, K., Pardo, S. & Rodríguez, D. (2017). *Análisis de la resiliencia en personas divorciadas, según su nivel educativo e ingresos económicos*. *Psicogente*, 20(37) 2017, 160-171. <http://doi.org/10.17081/psico.20.37.2425>
- Cabrera, V., Docal, M., Muñoz, D. & Olaya, J. (2015). *El divorcio ¿fracaso u oportunidad?* Bogotá: Universidad de la Sabana.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). *O Afastamento Paterno após o Fim do Relacionamento Amoroso: Um Estudo Qualitativo*. *Interação Em Psicologia*, 17(1). <https://doi.org/10.5380/psi.v17i1.27560>

- Cunico, S. D., Arpini, D. M., Cunico, S. D., & Arpini, D. M. (2014). *Conjugalidade e Parentalidade na Perspectiva de Mulheres Chefes de Família*. *Psicologia Em Estudo*, 19(4), 693–703. <https://doi.org/10.1590/1413-73722418811>
- Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2010). *Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais*. *Paidéia*, 20(46), 269-278
- Fernandes, J. S. G.; Costa, B. H. R.; & Andrade, M. S. (2017). *Representações Sociais de Idosos Sobre Família*. *Ciencias Psicológicas*; 11 (1). pp. 41 - 48doi: 10.22235/cp.v11i2.1345
- Furstenberg, F. & Nord, C. (1985). Parenting apart: patterns of childrearing after marital disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 893- 904.
- Gómez, B. (2010). *Resiliencia individual y familiar*. Recuperado de: <http://www.avntfvntf.com/imagenes/biblioteca/G%C3%B3mez,%20B.%20Trab.%203%C2%A%20BI%2009-10.pdf>
- Gómez-Ortiz, O., Del Rey, R., Casas, J. A. & OrtegaRuiz, R. (2014). Parenting Styles and Bullying Involvement. *Cultura & Educación*, 26(1), 132- 158. doi: 10.1080/11356405.2014.908665
- Jiménez, M., Amaris, M. & Valle, M. (2012). *Afrontamiento en crisis familiares: el caso del divorcio cuando se tienen hijos adolescentes*. *Salud Uninorte Barranquilla*, 28(1), 99-112. Recuperado el 5 de agosto de 2017 de <http://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/salud/article/download/3900/2857>
- Juras, M. M. & Costa, L. F. (2011). *O divórcio destrutivo na perspectiva de filhos com menos de 12 anos*. *Estilos da Clínica*, 16, 222-245. Extraído de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v16n1/a13v16n1.pdf>
- Kronberger, Nicole y Wolfgang Wagner. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. Em *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, org. Martin W. Bauer y George Gaskell, 416-441. Petrópolis: Vozes.
- Kronberger, Nicole y Wolfgang Wagner. (2002). *Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos*. Em *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, org. Martin W. Bauer y George Gaskell, 416-441. Petrópolis: Vozes.

- Lamela, D. & Figueiredo, B. (2016). *Coparentalidade após a dissolução conjugal e saúde mental das crianças: uma revisão sistemática*. *Jornal de Pediatria*. vol.92 no.4. Porto Alegre. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2015.09.011>
- Martins, A. I. R. (2010). *Impacto do Divórcio Parental no Comportamento dos Filhos. Factores que Contribuem para uma Melhor Implicações Médico-Legais*. Retrieved from https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26364/2/Tese_de_Mestrado_Ana_Martins.pdf
- Myers, D (2015). *Psicologia Social*. Porto Alegre: AMGH. 10ª Ed.
- Palomar, J. & Gómez, N. (2010). *Desarrollo de una escala de medición de la resiliencia con mexicanos (RESI-M) interdisciplinaria*. *Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal*, 27(1), 7-22. Recuperado em 17 de novembro de 2017 de <http://www.redalyc.org>: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18014748002>
- Ratinaud P. (2009). *IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* [Computer software]. Disponível em: <http://www.iramuteq.org>
- Rolim, K. I; Wendling, M. I (2013). A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Rio De Janeiro: Psicologia Clínica*, vol. 25, núm. 2, pp. 165-180.
- Silva, S. E. D; Camargo, B. V. & Padilha, M. I (2011). *A teoria das representações sociais nas pesquisas da Enfermagem brasileira*. *Revista Brasileira de Enfermagem* [Online] 64(5):947-51. Disponível em: www.scielo.br/pdf/reben/v64n5/a22v64n5.pdf
- Valdez, B. M. T, Ribeiro-Ferreira, M., Tamez-Valdez, B. M., & Ribeiro-Ferreira, M. (2016). *El divorcio, indicador de transformación social y familiar con impacto diferencial entre los sexos: estudio realizado en Nuevo León*. *Papeles de Población*, 22(90), 229–262. <https://doi.org/10.22185/24487147.2016.90.040>
- Viegas, P. C; Ramires, V. R. R (2012). *Pré-adolescentes em psicoterapia: capacidade de mentalização e divórcio altamente conflitivo dos pais*. *Campinas: Estud. psicol.* vol.29 supl.1 Campinas Out./Dez.
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2012). *Pai e mãe na conjugalidade:*

Aspectos conceituais e validação de construto. Paideia, 22, 165-175.
doi:10.1590/S0103863X2012000200003

Pesquisas em representações sociais permitem uma nova forma de olhar, entender e interpretar fenômenos sociais, ajudando a compreender porque as pessoas fazem o que fazem (Silva & Menandro, 2014). Este estudo buscou compreender as representações sociais de pessoas com uniões desfeitas acerca da separação e/ou divórcio.

O software IRAMUTEQ se mostrou uma ferramenta importante para a realização deste estudo, na medida em que evidenciou, no material coletado, o vocabulário representativo das experiências vivenciadas, permitindo um olhar criterioso, qualificando o processo de categorização e, conseqüentemente, dos resultados do estudo, potencializando a pesquisa qualitativa.

Para os participantes, as representações da separação e divórcio estão ancoradas de acordo com o modo como são vivenciados esses processos, podendo ser objetivados pela dualidade de sentimentos, ora com a sensação de liberdade, em decorrência da ausência de obrigações para com o(a) parceiro(a), ora com os sentimentos de solidão, pela ausência de um(a) companheiro(a), podendo apresentar elementos positivos e negativos tanto em relação aos aspectos pessoais quanto ao núcleo familiar, sobretudo quando existem filhos provenientes da relação.

Por meio de uma expressão mais ativa e fortalecida, os participantes demonstraram a preocupação com a sua saúde física e mental, o aumento de cuidados pessoais, o sentimento de liberdade por não ter mais as preocupações com o outro, bem como em desempenhar a função de cuidadores dos filhos após a separação, com o intuito de demonstrar que esse processo não implica, necessariamente, em algo negativo para o núcleo familiar.

Já os aspectos fragilizados do discurso destes sujeitos evidenciaram dificuldade em lidar com as perdas e mudanças sofridas, como é o caso do afastamento dos filhos em algumas situações, além do sentimento de solidão e frustração pelo fato de não ter dado certo o matrimônio.

Nesse sentido, foi possível também observar as variações das representações sociais construídas por homens e mulheres no que diz respeito aos sentimentos (negativos e positivos), às fragilidades, preocupações, desejos, expectativas de futuro e estratégias de enfrentamento (quando existentes) em vários momentos do pós-divórcio.

As mulheres, quando detentoras da guarda dos filhos, assumem a função de protetoras do lar, tentando manter ou melhorar os padrões de vida estabelecidos no casamento, enquanto

os homens tentam demonstrar o fortalecimento dos laços parentais na tentativa de desconstruir as representações sociais de que o pai “abandona” os filhos após o divórcio.

De modo mais amplo, as representações das mulheres estão ancoradas nas expectativas de vida frente à separação, enquanto que o relato dos homens ancorou-se nas preocupações pessoais com relação ao divórcio e também nas estratégias construídas para elaborar e superar internamente as dificuldades enfrentadas.

Dessa maneira, pode-se observar que as representações expressadas foram marcadas pelo desejo de melhor qualidade de vida tanto para os homens quanto para as mulheres, partindo da saída de relacionamentos muitas vezes conflituosos, sendo utilizadas estratégias de cuidados pessoais, em termos de saúde física, mental e fortalecimento espiritual através da fé, além do apoio social.

Os resultados apontaram que, na maioria das situações, a iniciativa de dissolução do vínculo matrimonial partiu da mulher, sugerindo uma possível diferença na vivência da separação por homens e mulheres. Surge nos relatos dos participantes a crença de que a pessoa que pede a separação consegue lidar de forma mais tranquila com o término da relação, já que, hipoteticamente, estaria se preparando antecipadamente para tal. Partindo dessa lógica, as mulheres teriam maior facilidade para enfrentar esse processo.

Por outro lado, os participantes concordam que ainda existem muitos tabus por parte da sociedade, repercutindo também na representação de mulher separada, que acaba por sofrer maior preconceito se comparada ao homem. Além disso, ainda é marcante a ideia de maternidade, de modo que, na grande maioria das vezes, as responsabilidades parentais recaem sobre a mulher, ainda que seja observado o aumento do interesse paterno na divisão de tarefas e cuidados com os filhos.

Esses elementos se apresentam um tanto contraditórios, ao observar que as mulheres enfrentam maiores dificuldades com a separação e, ainda assim, são as que mais solicitam o divórcio, o que sugere a necessidade de estudos mais aprofundados acerca dessa temática.

Vale ressaltar também que o estudo foi realizado com pessoas com nível educacional e econômico razoavelmente favorecidos, fator que pode interferir nos resultados obtidos. Portanto, sugere-se que sejam realizados novos estudos que abranjam outros extratos da sociedade, num sentido comparativo dos dados.

Nesse contexto, a aplicação da TRS nos estudos sobre o divórcio possibilitou ampliar a compreensão sobre as pessoas, seus afetos e seus processos de conhecer e agir frente ao

mundo, unindo o sujeito ao objeto, o pensamento à ação, a razão à emoção, o individual ao coletivo; permitindo a compreensão não somente das ações dos sujeitos no âmbito da separação, mas dos sentidos que eles atribuem a essas ações em face dos contextos em que elas são produzidas, justificando suas opções frente às realidades que se lhes apresentam.

A efetivação deste estudo pela Teoria das Representações Sociais permitiu apreender, além do discurso manifesto, as concepções que trafegam no vivenciar desse período pós-separação e o seu impacto na vida dessas pessoas.

- Almeida, A. M. O. (2006) Introdução. In: Almeida, A M O; Santos, M F S; Diniz, G R S; Trindade, Z A (ORGS). *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudos em representações sociais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Borges Filho, A. (2011). *O Novo Panorama do Divórcio no Brasil: O Fim da Separação Judicial ?*. In *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 89.
- Brasil. (2012). *Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012*. Ministério da Saúde. Brasília: DF. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 17 de junho de 2015.
- Cassettari, C. (2015). *Separação, divórcio e inventário por escritura pública: teoria e prática* I. 7. ed. rev., atual. e ampl. - Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO.
- Dias, M. B. (2015). *Manual de Direito das Famílias*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 10ª Ed.
- Diniz, M. H. (2015). *Curso de Direito Civil Brasileiro: Direito de Família*. 30. ed. São Paulo: Saraiva.
- Farias, C. C; Rosenthal, N.(2015). *Curso de Direito Civil - Famílias* . São Paulo: Atlas. Vol. 6 - 7ª Ed.
- Freitas, N. O. A. (2013). *O novo divórcio e o Estatuto das Famílias*. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 18, n. 3575. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/24193>>. Acesso em: maio de 2016.
- Gonçalves, C. R (2012). *Direito Civil Brasileiro – Direito de Família*. São Paulo: Saraiva. Vol. 6. 9ª Ed.
- IBGE. (2015). *Estatísticas do Registro Civil 2014*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 41. Acompanha 1

- CD-ROM. Disponível em: <
http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2014_v41.pdf>. Acesso em:
 mai. 2016.
- Jodelet, D. (2001) *Representações sociais: Um domínio em expansão*. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (L. Ulup, Trad., pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Moscovici, S. (1961) *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (2012). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. (7ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Myers, D. (2014) *Psicologia Social*. Porto Alegre: AMGH. 10ª Ed.
- Pacheco, C. (2014) *Dissolução do casamento: impactos da EC 66/2010*. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 19, n. 39. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/27523>>. Acesso em: maio de 2016.
- PORTAL BRASIL (2015). *Em 10 anos, taxa de divórcios cresce mais de 160% no País*. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>> Acesso em: 01 de mai de 2016
- Rolim, K. I; Wendling, M. I.(2013) *A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade*. Rio De Janeiro: Psicologia Clínica, vol. 25, núm. 2, pp. 165-180.
- Silva, S. P. C., & Menandro, M. C. S. (2014). *As representações sociais da saúde e de seus cuidados para homens e mulheres idosos*. Social representations of health and care for elderly men and women. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000200022>
- Viegas, P. C; Ramires, V. R. R. (2012). *Pré-adolescentes em psicoterapia: capacidade de mentalização e divórcio altamente conflitivo dos pais*. Campinas: Estud. psicol. vol.29 supl.1 Campinas Out./Dez.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista

Parte 1- Identificação do Participante e Indicadores Socioeconômicos

1.	Sexo:	1- () Masculino	2- () Feminino
2.	Idade:	_____	
3.	Estado Civil atual:	1- () solteiro(a) 2- () casado(a) 3- () divorciado(a) 4- () separado(a) 5- () viúvo(a) 6- () Outro? _____	
4.	Religião:	1- () Católica 2- () Espírita 3- () Evangélica 4- () Judaica 5- () Não tem 6- () Outra? Outra _____	
5.	Você trabalha?	1- () Não 2- () Sim	
6.	Profissão:	_____	
7.	Ocupação:	_____	
8.	Renda familiar:	1- () Até 1 salário mínimo 2- () De 1 a 2 salários mínimo 3- () De 2 a 5 salários mínimos 4- () De 5 a 10 salários mínimos 5- () Acima de 10 salários mínimos	
9.	Você tem filhos?	1- () Não 2- () Sim, Quantos? ____ Idade dos filhos? _____	
10-	Escolaridade:	1. () Ensino Fundamental 2. () Ensino Médio (2º grau) 3. () Ensino Superior Incompleto 4. () Ensino Superior Completo 5. () Sem escolaridade	
11-	A relação vivenciada foi na forma de união estável ou casamento civil?	1. () União Estável 2. () Casamento Civil	
12-	Quanto tempo de duração do casamento/união?	_____	
13-	O término da relação foi por meio de separação ou divórcio?	1- () Separação 2- () Divórcio	
13-	Há quanto tempo está divorciado(a)/ Separado(a)?	_____	

APÊNDICE B

Parte 2 - Entrevista

01. Para você, o que representa o divórcio/separação? Explique.
02. Como é ser uma pessoa divorciada/separada?
03. Quem pediu a separação/divórcio?
04. O que você acha que as pessoas próximas a você pensam sobre o assunto? E sobre a pessoa que é divorciada/separada?
05. Você acha que existe alguma diferença para o homem e a mulher que se divorcia/separa?
06. Você acha que o divórcio/separação mudou/influenciou em algo na sua vida? Como?
07. Na sua opinião, quais são as principais motivações que levam ao divórcio/separação? Por quê?
08. Alguma coisa te preocupa em relação ao divórcio/separação?
09. Você utilizou alguma estratégia de enfrentamento após o divórcio? Poderia falar um pouco sobre isso?
10. Quais eram as suas expectativas de futuro após o divórcio/separação? E hoje, alguma coisa mudou quanto a isso?
11. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Agradecemos por ter colaborado com nossa pesquisa.

APÊNDICE C



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Colegiado de Pós Graduação em Psicologia
Av. José de Sá Maniçoba, s/n – Centro- Petrolina, PE, CEP 56306-410
Tel: (87) 2101-6793, cpgpsi@univasf.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Representações Sociais sobre o divórcio para pessoas que vivenciaram este processo

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Representações Sociais sobre o divórcio para pessoas que vivenciaram este processo”, sob responsabilidade da professora Dra. Susanne Pinheiro Costa e Silva (Universidade Federal do Vale do São Francisco). Neste estudo objetivamos compreender as Representações Sociais de homens e mulheres que passaram pelo processo de divórcio. O motivo que nos leva a estudar tal demanda está relacionado à importância de abrir uma frente de discussão pouco explorada em torno das particularidades do divórcio, do ponto de vista de sujeitos que passaram por esse processo.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: A coleta de dados será realizada via aplicação de entrevistas e questionário semiestruturado, estando este dividido em duas partes. A primeira conterá questões fechadas e abertas versando sobre os dados sociodemográficos do participante; a segunda parte constará do Teste de associação livre de palavras (TALP). As entrevistas serão gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra e analisadas. Informamos que a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, porém pode provocar desconfortos devido à delicadeza do tema. Neste caso, serão garantidos cuidados de atenção e escuta. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa. Além disso, garantimos a devida indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, por meio de cobertura material para reparação ao dano.

Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone (74) 99111-3291 ou email andreza.psicologia@gmail.com da pesquisadora do projeto (Andreza Maia) ou da orientadora Susanne Pinheiro, fone 2101-6859 e e-mail susanne.costa@univasf.edu.br, e se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, através do número (87) 2101-6896 ou

e-mail cedep@univasf.edu.br, em nome do Coordenador Professor Alvaro Rego Millen Neto e Vice-Coordenadora: Deuzilane Muniz Nunes.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma delas será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “Representações Sociais sobre o divórcio para pessoas que vivenciaram este processo”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Petrolina, _____ de _____ de 201_.

Assinatura do participante

Andreza Maia S. Barbosa

Assinatura do Pesquisador

Susanne Pinheiro Costa e Silva

Assinatura do Orientador

Pesquisador: Andreza Maia, Tel (74) 99111-3291

Orientador: Susanne Pinheiro, Tel (87) 98829-0330

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF
Av. José de Sá Maniçoba, s/n – Centro – Petrolina, PE, CEP 56304-917
Caixa Postal 252, Petrolina-PE, Tel/Fax: (87)3863-9353, www.univasf.edu.br
Fone: (87) 2101-6859 e-mail: cenf@univasf.edu.br

DECLARAÇÃO

Declaro comprometer-me em anexar os resultados ou relatório da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais.

Petrolina, ____/____/____

Andreza Maia S. Barbosa

Andreza Maia Silva Barbosa

Susanne Pinheiro Costa e Silva

Susanne Pinheiro Costa e Silva

ANEXO 1

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

Eu, ANDREZA MAIA SILVA BARBOSA, **brasileira, solteira, Psicóloga, mestranda em Psicologia, inscrita no CPF nº 031.117.885-55**, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas à pesquisa intitulada **Representações Sociais sobre o divórcio para pessoas que vivenciaram este processo**

Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não apropriar-me de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-me por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por meu intermédio, e obrigando-me, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e/ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios.

Informação Confidencial inclui, mas não se limita à informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supramencionada.

Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da tecnologia acima mencionada.

A vigência da obrigação de confidencialidade e sigilo, assumida pela minha pessoa por meio deste termo, terá a validade enquanto a informação não for tornada de conhecimento público por qualquer outra pessoa, ou mediante autorização escrita, concedida à minha pessoa pelas partes interessadas neste termo.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Petrolina, ____/____/____



Assinatura do pesquisador

Contato do responsável: Andreza Maia Silva Barbosa. Av. José de Sá Maniçoba, s/n, centro, Petrolina-PE. Fone: (74) 99111.3291. E-mail: andreza.psicologia@gmail.com. Para informações sobre os resultados da pesquisa, entrar em contato com o CEDEP – UNIVASF, de segunda à sexta das 08:00h às 12:00h. Fone: (87) 2101-6896. E-mail: cedep@univasf.edu.br

ANEXO 2

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

Eu, SUSANNE PINHEIRO COSTA E SILVA, **brasileira, casada, enfermeira, inscrita no CPF nº 042.769.834-01**, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas à pesquisa intitulada **Representações Sociais sobre o divórcio para pessoas que vivenciaram este processo**.

Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não apropriar-me de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-me por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por meu intermédio, e obrigando-me, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e/ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios.

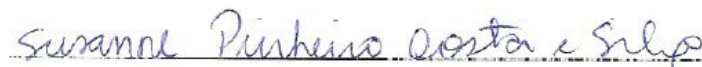
Informação Confidencial inclui, mas não se limita à informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supramencionada.

Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da tecnologia acima mencionada.

A vigência da obrigação de confidencialidade e sigilo, assumida pela minha pessoa por meio deste termo, terá a validade enquanto a informação não for tornada de conhecimento público por qualquer outra pessoa, ou mediante autorização escrita, concedida à minha pessoa pelas partes interessadas neste termo.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Petrolina, ____/____/____



Assinatura do pesquisador

Contato do responsável: Susanne Pinheiro Costa e Silva. Av. José de Sá Maniçoba, s/n, centro, Petrolina-PE. Fone: (87) 2101-6859. E-mail: susanne.costa@univasf.edu.br. Para informações sobre os resultados da pesquisa, entrar em contato com o CEDEP – UNIVASF, de segunda à sexta das 08:00h às 12:00h. Fone: (87) 2101-6896. E-mail: cedep@univasf.edu.br.